

"COMPLEXO DE ALICE"

peça em um ato de SÉRGIO ILHA.



PERSONAGENS:

ELA
A IRMÃ
O CUNHADO
ENFERMEIRA
AS AMIGHINHAS
PARENTA I
PARENTA II
A PRIMA
O MÉDICO MOÇO
O ASSASSINO
O PADRE
"ELA", sua projeção
SENHORA X
ENFERMEIRA II
MÉDICO II
A MOÇA

"A menina perseguia um coelho branco e quando
o encontrou, descobriu que o coelho, não era
mais o coelho. Era ela mesma."

o autor

(Ela sobre um foco de luz)

ELA: O quarto dezessete é este. Tenho certeza. Quase certeza. Não sei como, perdi a anotação. Pode acontecer. Mas, tenho ótima memória. Isso é que conta. (pausa) Devo bater? (olha culpadamente para os lados) Não. Entro e pronto! Vou entrar...



CENA I- "A Descoberta"

(Ela está agora sentada em um banco. Retira da bolsa um maço de cigarros.)

ELA: Vontade de fumar. Não sei onde botei o isqueiro. (guarda os cigarros) Nem sei como começou. É difícil ter certeza sobre isso. Deve ter sido naquela / tarde, quase no final do outono. Não sei. Mas...foi de lá para cá, que comecei a enlouquecer...

ENFERMEIRA: (que entra, no plano 2, quase espectral) Está na hora do nosso re medinho.

ELA: Pílulas outra vez. Não quero dormir. Posso enganá-la. Finjo engolir e cuspo fora. Não engolirei nada que vier dela.

(Plano 2: A irmã, o cunhado e o médico jovem)

CUNHADO: Ela está muito bem.

ELA: Meu cunhado, sempre fica repetindo o que todo o mundo já sabe.

IRMÃ: Estamos sempre atentos, doutor.

ELA: Ela sempre mente a idade. Mania. Meu cunhado tem uns dez ou doze anos menos. Por isso brigam.

MÉDICO: É necessário que se troque os curativos diariamente. Duas ou até três vezes. (os três desaparecem)

ELA: Do que eles estão falando? (ergue-se e vai até um espelho imaginário. Surge sua imagem refletida, repetindo mecanicamente seus gestos: uma jovem) Não vejo nada. Nenhum curativo. Aquela maldita enfermeira nunca pôs as mãos em mim. Não que eu lembre. Talvez ela faça isso quando estou dormindo. Deve ser. (a imagem desaparece)

ENFERMEIRA: Já acordamos? Vamos tomar o nosso chazinho?

ELA: Ela é estúpida ou o quê? Mania de falar no plural. Pensa que estive / dormindo. Ou será que estive? Precisava saber... (a enfermeira sai)

CENA 2 "A Sedução"

(O Cunhado e "Ela" como se vê, ambos no plano 2)

ELA: Se eu não fosse mulher, meu cunhado nem me dava "bom dia".

(plano 2)

CUNHADO: Se não tivesse conhecido sua irmã primeiro, nem sei.

"ELA": Lá vem você com essas conversas!

CUNHADO: Estou sendo sincero. E você...finge que não entendeu.

"ELA": Entendi. Só não gostei!

CUNHADO: (próximo) Desculpe. Não falo mais nada.

"ELA": É natural. Morando na mesma casa. Pode acontecer, e daí?

CUNHADO: (mais próximo) O que pode acontecer?

"ELA": Sentir atração.

CUNHADO: Então ... você também sente.

"ELA": Quem disse? Quem? Não se encherça?

ELA: (plano 1) Ele pensa que é irresistível. Da pena. Dá pra gente imaginar um beijo que seja daquele homem? Ele tem um pivô assim, horrível, aqui no canto da dentura (mostra com um gesto de nojo). Sempre sorri de boca torta. Pensa que ninguém nota.

(Plano 2)

CUNHADO: (só) Nunca conheci mulher que não desse para desdobrar de saída. / Todas são iguais. Sentem cheiro de macho e arrepiam de início. Fazem "docinho". Para não dar na vista. Mas estão querendo. E quando ficam em "brasa" nem pensar. Qualquer homem serve. Até o marido da irmã!

ELA: (plano 1) Nunca pensei nele como homem.

CUNHADO: (plano 2) Tem mulher que se entrega na primeira vez.

ELA: Seria muito sujo. Desonesto. Traição. Nojento. Com tanto homem... porque o cunhado? Logo esse palhaço!? A minha irmã nem desconfia. (A irmã aparece/ no plano 2) Ou finge. A mulher sempre sabe "o marido" que tem. No fundo sabe.

(Plano 2)

CUNHADO: (lendo jornal, pára) Quando olho para uma mulher... ela entende logo.

IRMÃ: (que pinta as unhas) Poderíamos mandar reformar o banheiro. Vi umas idéias as novas numa revista de decoração.

CUNHADO: Com a minha mulher, eu não vou muito longe. Na cama, ela não gosta. Quando chega a hora, finge sempre que está dormindo. É um ritual.

IRMÃ: Detesto lençóis coloridos. A cama precisa ser branca. Em todos os quartos.

CUNHADO: Quando casou, minha mulher era tão estupidamente virgem... que na primeira noite, nem sangrou. Ficou dura. Muda. Parecia uma múmia ofendida, enrolada nos lençóis.

IRMÃ: Não me dou bem com empregadas muito novas. São rebeldes. Preguiçosas. Respondem. E... roubam da geladeira.

CUNHADO: Acho que pegar mulher dentro de casa é falta de classe. O homem casado respeita o lar. Mesmo que a esposa seja um "dragão". Respeita, sim. Até empregada. Uma Maitê Proença. Coisa de louco. Não. Em casa não. Leva pro motel, pronto.

(O cunhado e a irmã desaparecem)

ELA: (plano 1) Ele vai ficar careca antes dos trinta e cinco. Tem caspa. / Esses dias, descobri uma revista suja no meio das coisas dele: "Nanette e o Totó". Me deu vontade de vomitar. Rasguei na hora. Queimei. Ele nem ia poder reclamar, ía? Não é "homem" prá isso! (pausa muda) Não vou tomar mais pílulas!

ANEXO 1- "O CUNHADO": Tomo pílulas regularmente. São pílulas muito pequenas, alaranjadas, contra o "stress". Elas ficam sempre no canto de cá da prateleira. Tudo organizado. Bem a mão. Depois vem as amarelas para o estômago. Todas em vidros separados pela cor. Vidros sem rótulos. Eu me encarrego de separar e limpar os vidros. Depois as vermelhas com branco do resfriado. No vidro seguinte, as brancas, grandes e redondas, para a dor. As brancas de tamanho/



médio para a nevralgia. As pequeninas, também brancas, da gastrite. Depois vem as verdes, achatadas, para o fígado. São as que mais gosto. Só não tenho azuis. Mas já separei um vidro menor para elas, conforme a necessidade. Nunca se sabe. Abaixo dessa prateleira, vem os xaropes, as gotas, vidros / grandes e pequenos de elixir. Estão sempre cheios. Prefiro as pílulas do andar de cima.

CENA 3- "A Irmã"



("Ela" e a irmã juntas no segundo plano)

IRMÃ: Você vai sentir muito? Vai? Quando me casar? Não minta.

ELA: Vou. A gente está sempre junto.

IRMÃ: Eu sei. Como sei que você vai tentar se apoiar noutra pessoa qualquer. Talvez alguém que não preste. Você é tão dependente.

ELA: Não vou fazer isso. Não sou aleijada!

IRMÃ: Viu? Ficou nervosa. Falo nisso e você perde o controle, sempre. Não / sou sua "mãezinha", entenda isso! Só por que vou me casar...você...

ELA: Eu vou ficar muito bem, entendeu? Quer parar com essa conversa?!

IRMÃ: Está de novo tentando fugir da realidade. É assim que começa. Muita gente começa assim. E quando vê... louca de atar!

ELA: Pára!

IRMÃ: Ciúme de irmã. Inveja, que seja. É natural. Mas, preste atenção, eu não tenho culpa se o rapaz morreu. Você deu azar. Aparece outro.

ELA: (Plano 1) Quem morreu? Que rapaz é esse? Ninguém morreu! Não lembro.

ENFERMEIRA: (que entra) O quarto está vazio.(sai)

IRMÃ: (plano 2) A melhor coisa, seria você vir morar conosco. Não planeja - mos nada ainda. Vou falar com "ele", você entendeu? Se o "chefe de casa" con - cordar...Você poderá vir. E, terá o seu quartinho. Só seu. Com toda a liber - dade. Pode convidar suas amiguinhas. Ouvir discos. Até você se casar também. Existem bons caras (só). Acho que o homem pode ser o que quiser. Não digo que goste. Aceito, aceito que tenha suas falhas. As escapadinhas de vez em quando. Coisa inconseqüente. Que acorde de mau humor, paciência! Que beba um pouco mais que o socialmente, aceitável. Pronto! Tenha feito umas sujei - rinhas na firma, pensando no futuro da família. Va lá! Se perdoa! Que seja de outra de outra religião, comunista. Mas veado? Fresco? Ah, não. Tem rapa - zes que fingem. Escondem. A mulher cai na deles e depois... Que nem o mari - do daquela Miss. Ela achou o tal com outro homem na cama dela e com o seu próprio baby doll... Foi o fim! (a irmã desaparece)

(aparece o médico jovem, no plano 2)

ELA: Meu médico... não aquele de cavanhaque, não. O mais moço, que de vez em quando vem me ver. Tem um sorriso! Ele se interessa realmente pelo bem estar das pessoas. Não é só: "toma isso, faça isso, nada disso". Não. Ele vai além da profissão. Nunca tocou em mim, só conversa. O outro não. O velho da barbi - cha. Fica bolinado, se cuspiendo todo... E se ele for fresco? Gay? Não o ve - lho, claro. O moço. Que importância pode ter isso?

MÉDICO: (plano 1) A enfermeira me entregou seus exames; Não demora nada.

ELA: Obrigada. (ele sai) Não é bonito, É médio. Não tem estampa. Mas o sorriso é tudo!

"AMIGUINHAS" (de mãos dadas, em falas alternadas) - Minha vida sexual é bem normal. Satisfatória. Não tenho nenhuma. Não se trata de incapacidade de me relacionar com rapazes, não. Pelo contrário. Mantenho distância desses cretinos. Eles querem sempre a mesma coisa. Só pensam em sexo. Achar que a gente é o que? Não pretendo me casar. Não tem nada de anormal nisso, tem? Uma pessoa pode escolher o que quer, e o que não quer para si mesma. Só peço que me deixem em paz! Não tenho nada contra o sexo. Se rapazes e moças/da minha idade insistem em praticar "esse troço", não tenho nada contra. Só não preciso imitá-los. É questão de higiene.



CENA 4 - Meus 15 anos

(a prima, as amiguinhas e "ela" como adolescentes, com revistas de artistas plano 2)

PRIMEIRA: Adoro Tony Curtis. Lindão! Me passa a tesoura.

SEGUNDA: Tenho coleções de Marlon Brando.

PRIMA: Odeio.

SEGUNDA: Esses dias roubei uma revista do consultório do dentista. Pensei que iam me pegar. Escondi na pasta do colégio. Fotos "desse tamanho" do Johny Mathias.

PRIMEIRA: Espera a mãe saber! Colecionando fotografia de um negro! Ela morre.

SEGUNDA: Vai contar, vai? Conta! Conta!

PRIMA: Eles tem... (nos ouvidos da primeira)

PRIMEIRA: Roxo! Que nojo!

PRIMA: (na mesma, de segredinhos) Enormes... (riem) Imaginou?

SEGUNDA: Grande coisa... nunca viram um!

PRIMA: Eu vi sim. Aquele preto que lavava os carros, andava mostrando prá todas as gurias do edifício. Deram queixa e tudo! Empresta a tesoura... (subtamente dão-se conta de que "Ela" está presente, folhando uma revista)

PRIMEIRA: O, que ela tem?

SEGUNDA: Não sei. (para "Ela") Já viu essa? ("Ela" nem responde ou ergue a cabeça)

PRIMA: Nem queríamos vir. Foi a irmã dela que pediu.

PRIMEIRA: Foi! ("Ela" se ergue dali e vai para o plano 1, tapando os ouvidos).

SEGUNDA: Parece uma morta viva.

PRIMA: Uma velha...

PRIMEIRA: Fez quinze, na semana passada.

("Ela" e as demais desaparecem.)

ELA: Não foi assim que aconteceu. Eu era normal. Como qualquer outra. Todas elas estão mentindo. Inventando. Elas se aproveitam para inventar coisas sobre mim, por que... não me lembro direito. Quando tinha quinze gachei meu primeiro sapato de salto alto, forrado de azul clarinho. Tafetá.

Com dezesseis acho que... Com dezesseis, não me lembro nada. Só do filme da múmia. Gritei no cinema. Foi um fiasco. Com dezessete...alguém morreu.

"A PRIMA": Esses dias, fiquei com tanta raiva, que matei todos os meus colegas de escritório. Até a faxineira e a moça que traz cafezinho. Ficou assim a sala: Gente caída por cima das mesas, no chão, em toda a parte. Crivados/de bala. Muito sangue. Um rio! De repente o cara da mesa do lado virou pra mim. Um chato que não tira as mãos da máquina, nem para coçar a bunda! Falou assim: "Pode emprestar a borracha?" Aí eu⁴ que ninguém tinha morrido. Me senti culpada. Não sei nem atirar. Mas, não emprestei a borracha. Inventei uma desculpa!

CENA 5 - "Velório"

ELA: Dezessete. Cento e dezessete. Era este o número. O número está certo! E o quarto vazio. Dezessete!... Com dezessete meu avô morreu. Estava sendo velado na sala. Mania de velório caseiro! Aquele cheiro de vela. Horrível. (plano 2 aparecem os personagens diante de um caixão invisível) Estavam todos lá...as amiguinhas, a enfermeira cretina, a prima que foi miss, até o médico, o moço, claro! O outro nem deu as caras. Minha irmã estava de noivo a tiracolo. Firme. Andavam "se comendo" em pensamento. Nem ligavam pro defunto! Aliás, ninguém estava dando a mínima. Uma farsa.

PARENTA 1: Era melhor providenciar cafezinho e uns sanduiches para o pessoal. Nem tive cabeça de lembrar. Nessas horas...

MÉDICO: Era bom.

PARENTA 2: Morreu de que?

IRMÃ: Sirrose! (num susurro maior) Um horror!

CUNHADO: Vamos lá fora um pouco. Está abafado demais. Vem!

IRMÃ: Podem reparar. Fica chato. Não!

PARENTA 1: Estão só namorando, e já "aquele fogo"!

PARENTA 2: Ficaram noivos, santa!

PARENTA 1: Ah, então está bem. Quando vão casar?

PRIMA: Que calor, heim?

MÉDICO: Muito.

CUNHADO: Vamos ou não?

IRMÃ: Não. Não dá pra esperar? Sangria desatada!

CUNHADO: Comø você é chata!

IRMÃ: (num grito)Grosso! (num murmúrio)desculpe, sim?!

AMIGUINHA PRIMEIRA: A gente tem de dar "pêsames"?!

AMIGUINHA SEGUNDA: Dá você! Eu tenho vergonha. (começam a rir)

OS OUTROS: Psiuuuuuu!

IRMÃ: (para "Ela") Vai beijar o vovô? Se despedir?

"ELA": Tenho?

IRMÃ: Acho que deve. É bonito. Ele ia gostar.

"ELA": Preciso beijar?

IRMÃ: Pega na mão!Toca. Faz um gesto. Demonstra que sente. Custa?
("Ela" se adianta)

PRIMA: Se chover não sei como me arranjo. Esqueci a sombrinha em casa.

MÉDICO: Posso dar uma carona...





ELA: (plano 1) Oferecida!

TODOS: (plano 2) Psiuuuuu!

(Ela se debruça sobre o caixão imaginário)

AMIGUINHA PRIMEIRA: Ela vai beijar...

TODOS: (num murmúrio) vai beijar...(uns para os outros) vai beijar!

AMIGUINHA SEGUNDA: Não teve coragem. Não beijou.

TODOS: (murmurando) Teve nojo! (uns para os outros) Não beijou!

("Ela", trêmula estende a mão e a coloca sobre a "mão do morto")

(As parentas choram convulsivamente)

"ELA": (para si, em transe, em pânico) Ele está movendo os dedos. Abriu a mão. E ninguém notou. Estão cegos ou o quê?(para o cadáver) Eu não tenho / culpa por não sentir nada. Deveria? Responde! Deveria? Todos estão fingindo que sentem. Mas, não passa de teatro! Ouviu? Não. Não faça isso... por favor, larga a minha mão... solta...solta...

"A LADAINHA"

MÉDICO:(despindo, como os demais a máscara social) Que velho filho da puta!

CORO: Grandíssimo filho da puta!

PARENTA 1: Eu cuspiria na sua cara!

CORO: Cuspiria... bem na cara!

CUNHADO: Pena que não possa ouvir, seu velho escroto!

CORO: Pena que não possa... pena mesmo... velho escroto!

IRMÃ: Digam o que quiser. Ele gostava de crianças.

CORO: Gostava... gostava sim... isso gostava!

PARENTA 2: Degenarado! Fez coisas que não se pode dizer alto!

CORO: Não se pode... muito menos dizer alto!

PRIMA: Comprava o silêncio das pessoas. Até a polícia tinha respeito.

CORO: Até a polícia... até a polícia tinha respeito...

AMIGUINHAS JUNTAS: Não era respeito. Era medo.

CORO: Respeito, nada! Era medo...

"ELA": Eu não tinha medo. Nunca tive.

CORO: Ela não... nunca teve... nunca teve medo!

ELA: (em voz mais alta) Eu era sua neta preferida!

IRMÃ: (quebrando a ladainha) Depravada!

"ELA": (para si) Larga... larga a minha mão!

PARENTA 1: Mas nunca tocou nas crianças da família.

PARENTA 2: As netas... ele respeitava.

IRMÃ: Qualquer sujinha da rua servia. Mas as netas, não.Nunca!

PARENTAS: E tinha os meninos. Até os meninos!

CUNHADO: O filho do homem da mercearia.

PARENTA 1: O "vesguinho" dos cachorros.

PARENTA 2: Aquele que a mãe se matou de desgosto. Bebeu gasolina!

PRIMA: E o filho de "papuda". Até esse que era mirrado. Puro osso! Foi também!

MÉDICO: A infeliz da "papuda", que fazia faxina para o velho, gritou, deu queixa por causa do filho. Ele com a maior "cara" ofereceu uma casinha para



a idiota, no morro do Pingo. E ficou assim.

IRMÃ: A pobre, até beijou as mãos do velho. Chorou de agradecimento: (as vozes vão sumindo e as personagens também, ora murmurando uma e outra palavra desconexa)

ELA: (só, no primeiro plano) Meu avô certo dia olhou para mim e me chamou. / Ele já nem andava. Tinha lágrimas nos olhos quando falou assim: "Depois que eu estiver morto, você vai lembrar? Vai lembrar do vovô?" Não sei o que respondi. Qualquer coisa. Só fiquei imaginando porque ele naquele momento parecia um santo. Não "aquilo" que diziam dele. Aquilo o quê? Nunca fiquei sabendo direito! Nem queria. Tem coisas que gente prefere não saber...

"A IRMÃ": Choro à toa quando estou assim. Choro por tudo. Choro se escuto gárido de cachorro. Choro por um vasinho quebrado, desses que não se tem onde colocar. Choro até vendo TV. Por qualquer besteira. As pessoas em geral, não entendem. Olha, quando o John Lenon morreu, assassinado, eu chorei como uma doida! Mas, não foi por causa dele, não. Todo mundo pensou. Não. Foi por causa da Yoko. Ono, a Yoko! Me identifiquei com a miserável. Sempre à sombra do marido. Sempre à margem de tudo. Ela, feia como a dor. Sei lá, chinesa, japonesa, coreana, que raça for. Todo mundo entrevistando, tirando fotos, filmando pedindo e desencavando discos da dupla. Mas nada por causa dela. Tudo pelo marido que era Beatle. Pode? Dá pra agüentar isso? Se ela, vamos supor, tivesse morrido: Não ele. Iam ligar? Necas! Era o mesmo que tivesse morrido um cachorro cheio de pulga!

CENA 6 - "O Ataque" - O Assassino

ELA: (com o rosto sob o foco de uma lanterna portátil) Não quero luz. Pára. Não suporto luz forte. (O vultó que comanda a lanterna é o de um homem com botas, calças estreitas, jaquetas de couro, luvas e uma espécie de máscara. A parece a Enfermeira.)

ENFERMEIRA: Está na hora do nosso remedinho.

ELA: Tira "ele" daqui. Manda sair!

ENFERMEIRA: O senhor é parente? O horário de visitas terminou. Lamento. Pode voltar outra hora. (O vulto avança sobre a enfermeira e a apunhala no estôma go duas ou três vezes) Isso não foi muito bonito. Não se pode abrir excessões. O horário de visitas terminou. O horário terminou... (cai).

(o vulto desaparece)

ELA: (revistando os bolsos da enfermeira caída) Preciso dormir. Ou, vão me culpar por isso. Preciso das pílulas. Das pílulas, sua idiota! Depressa, sua maldita! (encontra um vidro pequeno) Eles poderiam me culpar. Sempre fazem isso.

(o cunhado, a irmã, as parentas, a prima, as amiguinhas aparecem para resgatar o corpo da enfermeira, no plano 2)

PARENTA 1: Precisamos avisar o médico. Aí, ele manda outra.

IRMÃ: Outra sim. Antes que esta comece a cheirar mal.

PARENTA 2: Enterramos no jardim? Tem espaço? (começam a carregar o corpo em procissão.)

IRMÃ: Mandamos rezar uma missa.



CUNHADO: Mas, nada de chamar a polícia.

PARENTA 1: Foi morte natural. Vamos plantar uns gerânios por cima dela.

PARENTA 2: Os defuntos dão excelentes adubos. Ouvi dizer! E ela iria gostar.

IRMÃ: Adoro gerânios. Melhor esperar escurecer. Os vizinhos podem querer / saber... Eles sempre aparecem. Bisbilhotando, enchendo a casa de crianças.

PARENTA 1: E a coisa se espalha. Vem os fotógrafos.

CUNHADO: A polícia.

PARENTA 2: A televisão.

CUNHADO: E uma coisa puxa a outra... Fariam perguntas!

IRMÃ: É, uma coisa puxa a outra. Cafezinho, refrigerantes e biscoitos para toda essa gente. Fica feio não oferecer.

PRIMA: Claro. Concordo. Uma coisa puxa a outra. Os absurdos!

CUNHADO: Iriam imaginar que tenho uma amante.

IRMÃ: Iriam suspeitar que você tem uma amante.

PRIMA: Iria saber que EU sou a amante.

(desaparecem levando o corpo)

ELA: (só) Eu sabia que ele tinha uma amante. Uma amante fixa. Regular. Tudo muito sigiloso e organizado. É do estilo dele. Quando nasceu deve ter engolido uma agenda, imbecil. (pausa) Por que as pílulas não fazem efeito? Preciso me confessar. Ou vou ficar louca e acabar...

"MÉDICO": Cometi suicídio duas vezes. Quero dizer: tentei cometer suicídio duas vezes. E não me sinto menos ajustado por ter feito isso. Nas duas vezes, tomei o cuidado de deixar a porta do banheiro destrancada. Para que me achassem logo. Quero dizer, depois de morto. Acho terrível um cadáver ficar apodrecendo sozinho, a espera de alguém que o encontre. Muitas vezes só vão achá-lo depois de dias. Se tentar outra vez, não vou fazer no banheiro. Parece falta de imaginação. É deprimente. O cara ali, estirado no chão, com a cabeça entalada na privada. No banheiro, não! Vou anotar alguns lugares em que estive pensando... se me decidir. Mas não vou resolver nada apressadamente.

CENA 7 - A Confissão

(O padre é visto em silhueta por detrás do painel branco)-Música litúrgica

"ELA": Padre...está aí?

PADRE: Sim, milha filha. Pode falar abertamente.

"ELA": Padre, preciso do perdão e da benção de Deus, porque pequei.

PADRE: Abra seu coração, milha filha.

"ELA": Padre...alguém morreu no meu lugar.

PADRE: Isto é grave. Minha filha, você tentou evitar uma coisa dessas?

"ELA": Claro que não, ora bolas. Por isso mesmo estou aqui. "Ele" ia me matar. A enfermeira entrou bem na hora. Deu azar. A escolhida foi ela. (revoltada) O que é que o senhor queria? Eu devia ter impedido? Gritado? Ela não! Ela não! Eu me sacrifiquei! Acha que devia, acha?

PADRE: Minha filha. Uma pessoa inocente morreu em seu lugar. Reflita.

"ELA": É. Morreu. E vim pedir o perdão de Deus, porque estou viva. Bem viva.



PADRE: Agora que tudo acabou, minha filha, deve...

"ELA": Mas não acabou. Ele vai voltar, padre! Ele voltará sempre. Só espero que a nova enfermeira chegue a tempo. Se ele me encontrar, sozinha no quarto, o senhor já sabe, não sabe?

PADRE: Filha, Cristo é bom e generoso. Perdoou a pecadora, e o bom ladrão. Sempre perdoa se há arrependimento. Tenha fé. Porém neste caso...

"ELA": Padre, o "perdão" de Cristo é limitado?

PADRE: Como disse minha filha?

"ELA": Não estou incluída na lista de perdão, porque estou viva e pretendo continuar? Vamos supor. Se ele cortar o meu pescoço, da próxima vez, serei perdoada?

PADRE: Reze minha filha. Reze. Estás confusa. Cristo já perdoou você, quando perdeu a anotação. Aquilo foi um acidente...Mas você deverá voltar lá, filha.

ELA: (no plano 1) Mas o quarto está vazio...vazio...para que voltar lá?

IRMÃ: (no plano 2) Está acordada, querida? A nova enfermeira chegou.

CUNHADO: (plano 2) Ninguém chamou a polícia. Até o médico não viu motivo. Apenas pediu que vigiássemos melhor a enfermeira nova. Só para garantir.

IRMÃ: Mas não se preocupe, querida. Se ela morrer também, chamaremos outra.

(desaparecem)

(Surge a mesma enfermeira, com o avental lavado em sangue, muito calma e profissional), enquanto os dois se vão.

ELA: Esta, não quero!

ENFERMEIRA: Não vamos ficar nervosas. Não faz bem a nossa saúde, não é mesmo?

ELA: Saia daqui sua bruxa! Você está morta!

ENFERMEIRA: Morta? Claro que sim. Mas não vamos perder a cabeça por uma coisinha dessas, não é? Só não precisamos contar para o Doutor, certo? Combinado? Se ele descobrir que morri, perco o emprego. Isso não seria justo, seria? Abra a boquinha agora... não vamos fazer cara de nojo e agir como criança mimada...ham?

ELA: Eu guardo o segredo. Será o nosso segredo, concordo. Mas chame o médico. O médico moço. Não o outro. O outro, com cara de bode, eu não quero! Telefone...telefone...(a enfermeira desaparece) Padreeeee!(ela puxa o reposteiro. Não é mais o padre. Mas o médico jovem.)

"ELA": O senhor veio! (se olham magnéticamente e ficam assim durante o...)

"PARENTA 2": Sempre sonho com a mesma coisa. Estou assaltando a geladeira. Morta de fome. Aí aparece o "Rambo". Aquele dos filmes americanos...e explode tudo com a metralhadora. Vai tudo pelos ares! Quando olho pra mim... estou só de calcinhas. Ele chega com todos aqueles músculos. De repente / não é mais ele. É meu marido me mandando ir pra cozinha. Outras vezes o "Rambo", é minha sogra que usa chapa. Acordo suada. Perco o sono. Levanto e vou até a geladeira. Só para ver se está tudo no lugar.

"ELA": Veio por minha causa?

MÉDICO: Para lhe dar alta.

"ELA": Estou normal agora?

MÉDICO: Não precisa mais de mim.

"ELA": Mas preciso. Não sabe o quanto. Pensa que é fácil dizer?

MÉDICO: Que está amando alguém?

"ELA": Como soube? Adivinhou?

MÉDICO: Entre duas pessoas, há coisas muito mais fortes e visíveis do que as palavras. (aproxima-se como num filme americano)

PRIMA: (que aparece, como sempre vulgar) Vai monopolizar o doutor, vai? / Francamente!

"ELA": É minha prima.

MÉDICO: Já nos conhecemos. (A atenção dele se volta totalmente para a prima) Quer uma carona? Estou de saída.

PRIMA: Ah, deixa! Não quero encomodar.

ELA: (plano 1) Por que esta desgraçada aparece sempre "na hora"! A mulher feliz, no amor não tem "prima". Juro que não tem.

PRIMA: (plano 2) Ela perde coisas, sabia Doutor?

MÉDICO: Não tenho seu telefone.

PRIMA: Eu encontrei. (ergue um papel dobrado, "balançaço" como troféu)

ELA: (plano 1) Mentirosa. Está blefando. Não acredite. Não seja idiota de acreditar nela! Não perdi nada. Nem ela encontrou nada!

MÉDICO: (pegando no braço da prima) Vamos?

"ELA": Vai voltar...? Pra me ver?

MÉDICO: Por quê? O tratamento acabou! (saem os dois, muito íntimos)

"ELA": (no centro da cena) Cástigo. Castigo de Deus. Quando fiz a primeira comunhão cometi um pecado horrível. Não fiz de propósito. Juro. É que ficou entalado na garganta. Quase vomitei. Não tive outro jeito. Mastiguei a óstia. Mastiguei o "Corpo de Cristo". (sai correndo como adolescente culpada)

ELA: Mas ninguém viu. Ninguém vê nada. Nem minha irmã que é onipotente. . Ninguém sente o cheiro de podridão que aquela miserável anda exalando. / Nem vê o sangue. Nada. A maldita enfermeira anda impune por aí, completamente morta. É indecente o descarnamento dela!

ENFERMEIRA: Hora do nosso remedinho!

"ENFERMEIRA": Eu sinto perfeitamente quando estou começando a perder o controle. É como se escutasse uma sineta, dentro da cabeça. Começa com / uma ansiedade. Depois aumenta. Esbarro nos móveis. Quebro coisas. Respondo gritando. Ninguém entende. Evitam falar comigo. Começam a susurrar pelos cantos: "está mal". Eu, na verdade, consigo aceitar o fato de ficar nervosa e angustiada de vez em quando. O que me deixa louca é os outros perceberem isso!

CENA 9 - Segunda morte

(o assassino é visto por detrás do reposteiro, a espera)



ELA: Quero sair. Preciso ver gente. "Viva" de preferência. Preciso de ar!

ENFERMEIRA: Não vamos sair hoje. Precisamos ainda de cuidados.

ELA: Você precisa. Eu não. Me curei de você. Traga a minha bolsa. Ela está ali. (aponta o reposteiro)

ENFERMEIRA: O Doutor não vai gostar.

ELA: O que é que custa? Você já está morta mesmo. Vai.

(Ela obedece e se encaminha para trás do reposteiro. O assassino corta o pescoço da enfermeira de um só golpe. Tudo desaparece)

IRMÃ: (encabeçando uma comitiva nervosa de personagens) Aconteceu de novo.

CUNHADO: Sorte ter feito a cova bem funda da primeira vez. Onde cabe uma.. ..cabe duas.

PARENTA 1: A cova é grande, como convém.

IRMÃ: Ah, mas ninguém vai pisotear e arrancar os meus gerânios. "Despejem esta em outro lugar.

PARENTA 2: Que tal no terreno baldio? Naquele que os cachorros vão mijar!

CUNHADO: Incinerar é muito limpo e prático. E não ocupa espaço.

IRMÃ: E o que se faz com as cinzas?

PRIMA: A gente faz assim, ó!!(assopra com nojo) Assim!(assopra novamente)

PARENTA 1: Precisam avisar o Doutor.

PARENTA 2: É, não se pode descuidar. Será que ele manda outra?

IRMÃ: Se essas enfermeiras não morressem com tanta facilidade. Não sei. / Qualquer dia, o pessoal do Hospital vai aparecer prá investigar.

PARENTA 1: Serpode dar jeito! Não se atende a porta. Que arrebentem com a campainha! Deixa!

PARENTA 2: Ou dizemos que a paciente morreu também. E que foi culpa da enfermeira!

CUNHADO: Que se enganaram de endereço!

IRMÃ: (para Ela, subitamente) Que o quarto está vazio!(saem)

ELA: Lembrei de alguma coisa. Algo importante. Algo que precisava saber.. Mas me fugiu. Esqueci outra vez. Não é estranho? Talvez sejam as pílulas.

CENA 10 - A carta

(Ela retira do seio uma carta)

ELA: (olhando para ver se não é observada) Roubei isso dos bolsos daquela imbecil, agora a pouco. Deve ser "dele".(abre a carta)

MÉDICO: (plano 2) Minha querida. O que aconteceu naquela tarde, depois / que saí com sua prima, você bem pode imaginar.

ELA: Não vou continuar...Não devia nem ter começado.

MÉDICO: Existe um lugar, meio descampado, perto da Usina Hidroelétrica. Fomos! Nem descemos do carro. Poltronas reclináveis. FM ligado! Aconteceu / tão rápido.

ELA: Como é que ele pode ser tão cínico de ainda botar tudo isso no papel?! E ela? E ela? Os dois se merecem (continua lendo)

MÉDICO: Um homem pode ser fraco. Porém, não é cego. A sua prima não pas-



sa de uma vadia!

ELA: Concordo. Vadia de pai e mãe. E daí?

MÉDICO: Não estou fugindo à responsabilidade do que fizemos. Apenas quero dizer que me arrependo. E que...

ELA: Não vou continuar a ler. Para que ficar me iludindo?

MÉDICO: Mesmo que nunca possa haver "algo real" entre nós. Que tudo que gostaria de ter com você, não seja possível...

ELA: Do que ele está falando?

MÉDICO: Ninguém culpa você pelo acidente. Sua prima é uma mulher falsa. O que ela disse... não considerei. Juro! Mas é pre-ci-so-que-se-co-men-te- - que-a-você. Eu-a-mo. (Ela amarrota a carta)

ELA: Acidente. Um acidente.

"PARENTA 1": Não gosto de pó. Pó, entendem? Pó. Pó nas coisas, nos móveis, na roupa, em cima dos armários, debaixo das camas, nos cantos; Não suportto. Não, perto de mim. Prefiro que "ele" fique onde está. Não deixo mexer com o espanador. Não, perto de mim! Eu mesma faço isso. Com pano molhado e depois jogo tudo direto na lixeira. Descobri que o pó não está só grudado nas coisas. Ele anda. Voa. Está no ar, pode entrar pela boca das pessoas (fecha a boca, coloca um lenço para continuar falando) Não se pode evitar isso. A gente precisa acostumar. Eu tento viver bem com o "pó". Na medida do possível. Ele fica lá e eu aqui.

CENA 11 - Festa Surpresa

ELA: Preciso fugir. Antes que descubram. Eles vão me pegar. Eu sei. (Explosão festiva. Todos os personagens, com excessão da enfermeira, aparecem com ridículos chapeuzinhos de festa de aniversário, matracas, linguas de sogra, máscaras de papel e balões)

IRMÃ: Você ia fugir?

CUNHADO: Estão servindo um whisky nacional. Péssimo!

PRIMA: As empadinhas estão velhas.

IRMÃ: A maionese ficou fora da geladeira mais de dois dias.

AMIGUINHA PRIMEIRA: Os refrigerantes estão quentes! Fizeram "degelo" de manhã.

AMIGUINHA SEGUNDA: Vi gente mexendo nos presentes. Até abriram.

CUNHADO: (Aos berros, meio bêbado) Mulher linda. De deixar qualquer um bando, tem aqui em casa mesmo, tão sabendo?

PARENTA 1: Não serviram um docinho. Gente sem classe.

PARENTA 2: Vi um homem mijando de porta aberta. Nem ligou quando me viu.

MÉDICO: Tudo é Brasil! (quase num discurso) E você só pode falar se já esteve nos Estados Unidos. Lá TUDO é cobrado. Em dolar! Até "bom dia".

PARENTA 1: Na Itália, me disseram, as mulheres não raspam o sovaco!

PRIMA: Ganhei uma bolsa de estudos para a Espanha. Lindo! Adorei tudo! Aquele bando de gente correndo, pelas ruas, atrás de um touro meio manco. Selvagem, mas excitante!

PARENTA 1: Eu não concordo quando dizem que a Carmem Miranda se vendeu /

pros Americanos. Ninguém queria ela, por aqui. Fez bem!

PARENTA 2: Acho que depois do Kennedy. Ninguém. Presidente como ele. Quer o Ver.

MÉDICO: O vírus quando penetra no organismo...

PARENTA 1: E a Indira? A Golda?

PRIMA: Aí vem o bolo. Ela matou a enfermeira! (aponta para Ela)

CUNHADO: Chico Xavier é que estava certo!

PARENTAS: Fomos assistir "Casablanca" na primeira sessão. Não gostamos. / Mas todo mundo estava lá.

AMIGUINHAS: O Bolo está vindo!

MÉDICO: A dívida externa e a dívida interna, no fundo, são a mesma coisa. Tudo é a mesma coisa. Monótono.

PRIMA: Ela morre de inveja de mim! Já matou duas enfermeiras.

CUNHADO: Nostradamus previu toda essa droga!

CORO: O Bolo? Cadê o Bolo?

ENFERMEIRA: Surpresa! (a enfermeira vem trazendo o bolo. Ao pescoço um in disfarçável lenço ensanguentado. Todos se voltam para ELA)

CORO: (cantando o parabéns do avesso)

"Muitos anos de vida, nesta felicidade. Parabéns nesta vida.

E muitas mais pra você"

IRMÃ: Corte o bolo! (lhe dão uma faca assustadoramente grande) Vai fazer luxo?

PRIMA: A enfermeira! Primeiro a enfermeira! Corta a enfermeira!

CORO: O bolo, a enfermeira, corte tudo o que quiser...

ELA: (explode num grito) Parem! (todos desaparecem)

CENA 12 - A última gota

(Balé de "Ela" como num filme Hollywoodiano)

ELA: (como que apreciando a si mesma) Os filmes americanos é que estão / certos. Aqueles em que ela é uma pobre órfã que de repente desperta para o mundo. Decidida vencer a qualquer custo. E, como saído não sei de onde, aparece um jovem, belo e arquimilionário. Ele está louco por ela, mas a distância social?_Porém tudo se ajeita. Numa chuva de balões e lágrimas. Ela vence. A prima invejosa e sem escrúpulos é punida com a solidão. Vira garota de programa, "Go-Go Girl", "Striper", qualquer troço bem sórdido. O casamento só acontece na imanação da gente. Ou melhor, só a festa. Nada daquela rotina sem graça que a minha irmã tem de suportar. Por que se casou com aquele sujeito cretino. Nada de ruim, feio, sujo ou anormal. Tudo muito sadio e perfeito. Reluzente. Todos estão felizes, com excessão da prima. Ninguém precisa de enfermeiras, pílulas, médicos que se cospem quando falam, hospitais ou quartos vazios...

ENFERMEIRA: (desligando a TV imaginária) Estamos cansando demais os nossos olhinhos. Já chega de TV por hoje. Vamos abrir a boquinha sem fazer cara feia. (o assassino reaparece)

ELA: Ele veio me buscar. Eu sei.



ENFERMEIRA: Vamos abrir a nossa boquinha?

ELA: (para ele) Não pode ser ela? Como das outras vezes? Por favor!

ENFERMEIRA: Teimosia não adianta de nada. Precisamos obedecer as ordens do Doutor. (muda, parece agir com firmeza, como outra pessoa) O quarto está vazio.

ELA: Mas eu tenho certeza. É aqui.

ENFERMEIRA: O quarto está vazio. Já levaram o corpo para o necrotério. (O assassino está diante dela. Ela se ergue e avança lentamente para ele, toca em seu rosto coberto pela máscara)

ELA: Você veio me buscar? Não veio? (retira a máscara com suavidade: é o médico)

MÉDICO: O tratamento acabou.

ENFERMEIRA: Já levaram o corpo para o necrotério! (Ela grita) O paciente / morreu.

(desaparecem os dois)

CENA 13 - Volta

AMIGUINHAS: (cantando e flutuando no espaço) "Minha mãe me penteava, minha prima me enterrou, sob os figos da figueira de marré, marré, marré..."

PARENTAS: (num dueto de lamento) "Morreu, morreu... antes ele do que eu. Morreu, morreu, antes ele do que ... Salve Maria... Salve, Salve... Ave Maria..."

MÉDICO: (como o assassino com o rosto descoberto) Não pode evitar. Você / está voltando...

PRIMA: Voltando, não pode evitar. Paciência.

PARENTAS E AMIGUINHAS: Voltando, voltando.

MÉDICO: Alguém morreu no seu lugar.

PRIMA: Você não teve culpa, querida. Pior pra ele. Que se lixe!

AMIGUINHAS: (cantando) Minha mãe, me penteava, minha prima me enterrou...

MÉDICO: (como assassino) Enterro simples. Tudo já está pago. Uma beleza!

PRIMA: Só sobrou a moto. Ficou pro irmãozinho.

PARENTAS: Ave, Ave, Ave Maria... Morreu, Morreu... antes ele do que...

MÉDICO: Você está voltando. Pulso normal. Vinte minutos.

PARENTAS: Voltando.

AMIGUINHAS: Voltando, voltando.

PRIMA: Esteve fora por vinte minutos, "darling". Agora... é com você!

CENA 14 - "A Realidade"

(A sala de espera de um consultório médico. Ela está sentada normalmente, porém, parece ter acabado de sair de um transe. Aparece a atriz que representou até então a "enfermeira")

SENHORA X: (para dentro) Obrigada Doutor. Obrigadíssima. Passar bem! (ao passar por Ela, bate-lhe no ombro) Viu? Não era nada. Só continuar a tomar os remedinhos direito. O Doutor me achou ótima. (saindo) Prazer, viu! Adeuzinho!



(Entra agora o médico que fora o "cunhado" ate então)

MÉDICO II: Seus exames estão em ordem. (entregando os mesmos num envelope) Não precisa se preocupar. As radiografias não acusam nada. Seu encéfalo está ótimo.

ELA: (que se ergue, um tanto confusa) Posso ir então, Doutor?

MÉDICO II: Claro que pode. Com a promessa de não abusar das pílulas novamente.

ELA: Sim, sim...vou agora..

(entra a enfermeira verdadeira, que fora até o momento a irmã)

ENFERMEIRA II: (entregando-lhe a bolsa e o casaco) A senhora esqueceu na sala de exames.

ELA; (confusa, fugidia) Obrigada. Obrigada Doutor. Que distração a minha. (sai) (os dois personagens ficam olhando para ela, que antes de sair, ainda se volta para fitá-los)

ENFERMEIRA: Ela parecia tão nervosa. Falei com ela várias vezes e nada. Não me respondeu. Mas ela está bem, não está?

MÉDICO: (com total frieza) Preciso de cigarros! Ela... está muito bem. / Talvez um pouco abalada ainda pelo acidente. Mulher na direção. (a enfermeira faz uma careta) Estava, acredito, meio tonta por causa das pílulas / que andava tomando. Receitei outras, menos fortes. O rapaz é que não teve muita sorte. Saiu bastante ferido, Arrebentou a moto. Mas agora está muito bem. A família dela pagou todo o tratamento. (distraído) tem fósforo?

ENFERMEIRA: Não fumo, Doutor. Esqueceu?

MÉDICO: Que pena. Pode mandar comprar pra mim. Esqueci o masso no carro. (Num rompante, entra a atriz, que fora até então a projeção jovem da personagem principal. É uma moça extrovertida e direta)

MOÇA: E ela não me esperou. Sabia. Sempre faz isso. O marido, está uma fera! Ela sair sem dizer nada. Mas eu adivinhei. Tentei ir atrás. Faz muito que saiu?

ENFERMEIRA: Quem?

IRMÃ: Sabia que ela tinha ido visitar o rapaz no hospital. Ele até já saiu de lá, recebeu alta, pelo que eu sei. Imagina. Uma mocinha meio vesga me disse que ela tinha ficado muito assustada quando encontrou o quarto vazio. Ficou preocupada quando perguntei. Depois até achamos graça, juntas. Imagine! Ela deve ter errado o número do quarto. Disse que perdera o papel com a anotação, ou coisa assim. E a vesguinha, vejam só, tinha dito para ela que o quarto estava vazio porque o paciente tinha morrido. E tinha mesmo. Mas era o quarto errado. Foi uma coisa! (consulta o relógio) E eu aqui de conversa. Se o marido dela ligar, digam que estive aqui. Prá / não se preocupar, tá?

MÉDICO: (distante) Ainda nem almoçei.

ENFERMEIRA: A senhorita é parente dela? Ah, sei agora me lembrei quando veio com ela naquele dia.

MOÇA: Pois é. Nem somos muito parecidas. Talvez a diferença de idade. Ninguém acha. Sou a irmã dela.

(BLACKOUT)



(Ela só no palco)

ELA: Não vou voltar lá. O quarto estava vazio mesmo. Pra que insistir. Acho que perdi a anotação quando mexi na bolsa, procurando o lenço. Não vou voltar lá mesmo. É melhor. Não há nada que se possa fazer. Há? Não. Prefiro não voltar...Ninguém vai me culpar por isso também...Não. Que bobagem...Está uma linda tarde de outono.(acende um cigarro e fuma calmamente.)

PANO

FIM

Suzi é
215
C

"COMPLEXO DE ALICE"

peça em um ato de SÉRGIO ILHA.

PERSONAGENS:

ELA
A IRMÃ
O CUNHADO
ENFERMEIRA
AS AMIGHINHAS
PARENTA I
PARENTA II
A PRIMA
O MÉDICO MOÇO
O ASSASSINO
O PADRE
"ELA", sua projeção
SENHORA X
ENFERMEIRA II
MÉDICO II
A MOÇA



"A menina perseguia um coelho branco e quando o encontrou, descobriu que o coelho, não era mais o coelho. Era ela mesma."

o autor

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Ela sobre um foco de luz)

ELA: O quarto dezessete é este. Tenho certeza. Quase certeza. Não sei como, perdi a anotação. Pode acontecer. Mas, tenho ótima memória. Isso é que conta. (pausa) Devo bater? (olha culpadamente para os lados) Não. Entro e pronto! Vou entrar...

CENA I- "A Descoberta"

(Ela está agora sentada em um banco. Retira da bolsa um maço de cigarros.)

ELA: Vontade de fumar. Não sei onde botei o isqueiro. (guarda os cigarros) Nem sei como começou. É difícil ter certeza sobre isso. Deve ter sido naquela / tarde, quase no final do outono. Não sei. Mas...foi de lá para cá, que comecei a enlouquecer...

ENFERMEIRA: (que entra, no plano 2, quase espectral) Está na hora do nosso re medinho.

ELA: Pílulas outra vez. Não quero dormir. Posso enganá-la. Finjo engolir e cuspo fora. Não engolirei nada que vier dela.

(Plano 2: A irmã, o cunhado e o médico jovem)

CUNHADO: Ela está muito bem.

ELA: Meu cunhado, sempre fica repetindo o que todo o mundo já sabe.

IRMÃ: Estamos sempre atentos, doutor.

ELA: Ela sempre mente a idade. Mania. Meu cunhado tem uns dez ou doze anos menos. Por isso brigam.

MÉDICO: É necessário que se troque os curativos diariamente. Duas ou até três vezes. (os três desaparecem)

ELA: Do que eles estão falando? (ergue-se e vai até um espelho imaginário. Surge sua imagem refletida, repetindo mecanicamente seus gestos: uma jovem) Não vejo nada. Nenhum curativo. Aquela maldita enfermeira nunca pôs as mãos em mim. Não que eu lembre. Talvez ela faça isso quando estou dormindo. Deve ser. (a imagem desaparece)

ENFERMEIRA: Já acordamos? Vamos tomar o nosso chazinho?

ELA: Ela é estúpida ou o quê? Mania de falar no plural. Pensa que estive / dormindo. Ou será que estive? Precisava saber... (a enfermeira sai)

CENA 2 "A Sedução"

(O Cunhado e "Ela" como se wê, ambos no plano 2)

ELA: Se eu não fosse mulher, meu cunhado nem me dava "bom dia".

(plano 2)

CUNHADO: Se não tivesse conhecido sua irmã primeiro, nem sei.

"ELA": Lá vem você com essas conversas!

CUNHADO: Estou sendo sincero. E você...finge que não entendeu.

"ELA": Entendi. Só não gostei!

CUNHADO: (próximo) Desculpe. Não falo mais nada.

"ELA": É natural. Morando na mesma casa. Pode acontecer, e daí?



CUNHADO: (mais próximo)O que pode acontecer?

"ELA": Sentir atração.

CUNHADO: Então ... você também sente.

"ELA": Quem disse? Quem? Não se encherça?

ELA: (plano 1) Ele pensa que é irresistível. Da pena. Dá pra gente imaginar um beijo que seja daquele homem? Ele tem um pivô assim, horrível, aqui no canto da dentura(mostra com um gesto de nojo). Sempre sorri de boca torta. Pensa que ninguém nota.

(Plano 2)

CUNHADO: (só) Nunca conheci mulher que não desse para desdobrar de saída. / Todas são iguais. Sentem cheiro de macho e arrepiam de início. Fazem "docinho". Para não dar na vista. Mas estão querendo. E quando ficam em "brasa" nem pensar. Qualquer homem serve. Até o marido da irmã!

ELA:(plano 1)Nunca pensei nele como homem.

CUNHADO: (plano 2)Tem mulher que se entrega na primeira vez.

ELA: Seria muito sujo. Desonesto. Traição.Nojento. Com tanto homem...porque o cunhado? Logo esse palhaço!? A minha irmã nem desconfia. (A irmã aparece/ no plano 2)Ou finge. A mulher sempre sabe "o marido" que tem. No fundo sabe.

(Plano 2)

CUNHADO: (lendo jornal,pára) Quando olho para uma mulher...ela entende logo.

IRMÃ: (que pinta as unhas)Poderíamos mandar reformar o banheiro.Vi umas idéi as novas numa revista de decoração.

CUNHADO: Com a minha mulher, eu não vou muito longe. Na cama,ela não gosta. Quando chega a hora, finge sempre que está dormindo. É um ritual.

IRMÃ: Detesto lençóis coloridos. A cama precisa ser branca. En todos os quartos.

CUNHADO: Quando casou, minha mulher era tão estupidamente virgem... que na primeira noite, nem sangrou. Ficou dura.Muda.Parecia uma múmia ofendida, en rolada nos lençóis.

IRMÃ: Não me dou bem com empregadas muito novas. São rebeldes. Preguiçosas. Respondem.E...roubam da geladeira.

CUNHADO: Acho que pegar mulher dentro de casa é falta de classe. O homem ca sado respeita o lar. Mesmo que a esposa seja um "dragão".Respeita,sim. Até empregada. Uma Maitê Proença. Coisa de louco. Não. Em casa não. Leva pro mo tel, pronto.

(O cunhado e a irmã desaparecerém)

ELA: (plano 1) Ele vai ficar careca antes dos trinta e cinco. Tem caspa. / Esses dias , descobri uma revista suja no meio das coisas dele:"Nanette e o Totó". Me deu vontade de vomitar. Rasguei na hora. Queimei. Ele nem ia poder reclamar,ía? Não é "homem" prá isso!(pausa muda) Não vou tomar mais pílulas!

ANEXO 1- "O CUNHADO":Tomo pílulas regularmente. São pílulas muito pequenas , alaranjadas, contra o "stress". Elas ficam sempre no canto de cá da prateleja ra.Tudo organizado. Bem a mão. Depois vem as amarelas para o estômago. Todas em vidros separados pela cor. Vidros sem rótulos. Eu me encarrego de separar e limpar os vidros. Depois as vermelhas com branco do resfriado. No vidro seguinte, as brancas, grandes e redondas, para a dor. As brancas de tamanho/

médio para a nevralgia. As pequeninas, também brancas, da gastrite. Depois vem as verdes, achatadas, para o fígado. São as que mais gosto. Só não tenho azuis. Mas já separei um vidro menor para elas, conforme a necessidade. Nunca se sabe. Abaixo dessa prateleira, vem os xaropes, as gotas, vidros / grandes e pequenos de elixir. Estão sempre cheios. Prefiro as pílulas do andar de cima.

CENA 3- "A Irmã"

("Ela" e a irmã juntas no segundo plano)

IRMÃ: Você vai sentir muito? Vai? Quando me casar? Não minta!

"ELA": Vou. A gente está sempre junto.

IRMÃ: Eu sei. Como sei que você vai tentar se apoiar noutra pessoa qualquer. Talvez alguém que não preste. Você é tão dependente.

"ELA": Não vou fazer isso. Não sou aleijada!

IRMÃ: Viu? Ficou nervosa. Falo nisso e você perde o controle, sempre. Não / sou sua "mãezinha", entenda isso! Só por que vou me casar...você...

"ELA": Eu vou ficar muito bem, entendeu? Quer parar com essa conversa?!

IRMÃ: Está de novo tentando fugir da realidade. É assim que começa. Muita gente começa assim. E quando vê... louca de atar!

"ELA": Pára!

IRMÃ: Ciúme de irmã. Inveja, que seja. É natural. Mas, preste atenção, eu não tenho culpa se o rapaz morreu. Você deu azar. Aparece outro.

ELA: (Plano 1) Quem morreu? Que rapaz é esse? Ninguém morreu! Não lembro.

ENFERMEIRA: (que entra) O quarto está vazio.(sai)

IRMÃ: (plano 2) A melhor coisa, seria você vir morar conosco. Não planeja - mos nada ainda. Vou falar com "ele", você entendeu? Se o "chefe dá casa" con - cordar...Você poderá vir. E, terá o seu quartinho. Só seu. Com toda a liber - dade. Pode convidar suas amiguinhas. Ouvir discos. Até você se casar também. Existem bons caras (só). Acho que o homem pode ser o que quiser. Não digo que goste. Aceito, aceito que tenha suas falhas. As escapadinhas de vez em quando. Coisa inconseqüente. Que acorde de mau humor, paciência! Que beba um pouco mais que o socialmente, aceitável. Pronto! Tenha feito umas sujei - rinhas na firma, pensando no futuro da família. Va lá! Se perdoa! Que seja de outra de outra religião, comunista. Mas veado? Fresco? Ah, não. Tem rapa - zes que fingem. Escondem. A mulher cai na deles e depois... Que nem o mari - do daquela Miss. Ela achou o tal com outro homem na cama dela e com o seu próprio baby doll... Foi o fim! (a irmã desaparece)

(aparece o médico jovem, no plano 2)

ELA: Meu médico... não aquele de cavanhaque, não. O mais moço, que de vez em quando vem me ver. Tem um sorriso! Ele se interessa realmente pelo bem estar das pessoas. Não é só: "toma isso, faça isso, nada disso". Não. Ele vai além da profissão. Nunca tocou em mim, só conversa. O outro não. O velho da barbi - cha. Fica bolinando, se cuspiendo todo... E se ele for fresco? Gay? Não o ve - lho, claro. O moço. Que importância pode ter isso?

MÉDICO: (plano 1) A enfermeira me entregou seus exames; Não demora nada.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ELA: Obrigada. (ele sai) Não é bonito, É médio. Não tem estampa. Mas o sorriso é tudo!

"AMIGUINHAS" (de mãos dadas, em falas alternadas) - Minha vida sexual é bem normal. Satisfatória. Não tenho nenhuma. Não se trata de incapacidade de me relacionar com rapazes, não. Pelo contrário. Mantenho distância desses cretinos. Eles querem sempre a mesma coisa. Só pensam em sexo. Achar que a gente é o que? Não pretendo me casar. Não tem nada de anormal nisso, tem? Uma pessoa pode escolher o que quer, e o que não quer para si mesma. Só peço que me deixem em paz! Não tenho nada contra o sexo. Se rapazes e moças/da minha idade insistem em praticar "esse troço", não tenho nada contra. Só não preciso imitá-los. É questão de higiene.

CENA 4 - Meus 15 anos



(a prima, as amiguinhas e "ela" como adolescentes, com revistas de artistas plano 2)

PRIMEIRA: Adoro Tony Curtis. Lindão! Me passa a tesoura.

SEGUNDA: Tenho coleções de Marlon Brando.

PRIMA: Odeio.

SEGUNDA: Esses dias roubei uma revista do consultório do dentista. Pensei que iam me pegar. Escondi na pasta do colégio. Fotos "desse tamanho" do Johnny Mathias.

PRIMEIRA: Espera a mãe saber! Colecionando fotografia de um negro! Ela morre.

SEGUNDA: Vai contar, vai? Conta! Conta!

PRIMA: Eles tem... (nos ouvidos da primeira)

PRIMEIRA: Roxo! Que nojo!

PRIMA: (na mesma, de segredinhos) Enormes... (riem) Imaginou?

SEGUNDA: Grande coisa... nunca viram um!

PRIMA: Eu vi sim. Aquele preto que lavava os carros, andava mostrando prá todas as gurias do edifício. Deram queixa e tudo! Empresta a tesoura... (subtamente dão-se conta de que "Ela" está presente, folhando uma revista)

PRIMEIRA: O que ela tem?

SEGUNDA: Não sei. (para "Ela") Já viu essa? ("Ela" nem responde ou ergue a cabeça)

PRIMA: Nem queríamos vir. Foi a irmã dela que pediu.

PRIMEIRA: Foi! ("Ela" se ergue dali e vai para o plano 1, tapando os ouvidos).

SEGUNDA: Parece uma morta viva.

PRIMA: Uma velha...

PRIMEIRA: Fez quinze, na semana passada.

("Ela" e as demais desaparecem.)

ELA: Não foi assim que aconteceu. Eu era normal. Como qualquer outra. Todas elas estão mentindo. Inventando. Elas se aproveitam para inventar coisas sobre mim, por que... não me lembro direito. Quando tinha quinze gachei meu primeiro sapato de salto alto, forrado de azul clarinho. Tafetá.

Com dezesseis acho que... Com dezesseis, não me lembro nada. Só do filme da múmia. Gritei no cinema. Foi um fiasco. Com dezessete...alguém morreu.

"A PRIMA": Esses dias, fiquei com tanta raiva, que matei todos os meus colegas de escritório. Até a faxineira e a moça que traz cafezinho. Ficou assim a sala: Gente caída por cima das mesas, no chão, em toda a parte. Crivados/de bala. Muito sangue. Um rio! De repente o cara da mesa do lado virou pra mim. Um chato que não tira as mãos da máquina, nem para coçar a bunda! Falou assim: "Pode emprestar a borracha?" Aí eu⁶ que ninguém tinha morrido. Me senti culpada. Não sei nem atirar. Mas, não emprestei a borracha. Inventei uma desculpa!

CENA 5 - "Velório"

ELA: Dezessete. Cento e dezessete. Era este o número. O número está certo! E o quarto vazio. Dezessete!... Com dezessete meu avô morreu. Estava sendo velado na sala. Mania de velório caseiro! Aquele cheiro de vela. Horrível. (plano 2 aparecem os personagens diante de um caixão invisível) Estavam todos lá...as amiguinhas, a enfermeira cretina, a prima que foi miss, até o médico, o moço, claro! O outro nem deu as caras. Minha irmã estava de noivo a tiracolo. Firme. Andavam "se comendo" em pensamento. Nem ligavam pro defunto! Aliás, ninguém estava dando a mínima. Uma farsa.

PARENTA 1: Era melhor providenciar cafezinho e uns sanduiches para o pessoal. Nem tive cabeça de lembrar. Nessas horas...

MÉDICO: Era bom.

PARENTA 2: Morreu de que?

IRMÃ: Sirrose! (num susurro maior) Um horror!

CUNHADO: Vamos lá fora um pouco. Está abafado demais. Vem!

IRMÃ: Podem reparar. Fica chatô. Não!

PARENTA 1: Estão só namorando, e já "aquele fogo"!

PARENTA 2: Ficaram noivos, santa!

PARENTA 1: Ah, então está bem. Quando vão casar?

PRIMA: Que calor, heim?

MÉDICO: Muito.

CUNHADO: Vamos ou não?

IRMÃ: Não. Não dá pra esperar? Sangria desatada!

CUNHADO: Com você é chata!

IRMÃ: (num grito) Grosso! (num murmúrio) desculpe, sim?!

AMIGUINHA PRIMEIRA: A gente tem de dar "pêsames"?!

AMIGUINHA SEGUNDA: Dá você! Eu tenho vergonha. (começam a rir)

OS OUTROS: Psiuuuuuu!

IRMÃ: (para "Ela") Vai beijar o vovô? Se despedir?

"ELA": Tenho?

IRMÃ: Acho que deve. É bonito. Ele ia gostar.

"ELA": Preciso beijar?

IRMÃ: Pega na mão! Toca. Faz um gesto. Demonstra que sente. Custa?

("Ela" se adianta)

PRIMA: Se chover não sei como me arranjo. Esqueci a sombrinha em casa.

MÉDICO: Posso dar uma carona...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ELA: (plano 1) Oferecida!

TODOS: (plano 2) Psiuuuuu!

(Ela se debruça sobre o caixão imaginário)

AMIGUINHA PRIMEIRA: Ela vai beijar...

TODOS: (num murmúrio) vai beijar... (uns para os outros) vai beijar!

AMIGUINHA SEGUNDA: Não teve coragem. Não beijou.

TODOS: (murmurando) Teve nojo! (uns para os outros) Não beijou!

("Ela", trêmula estende a mão e a coloca sobre a "mão do morto")

(As parentas choram convulsivamente)

"ELA": (para si, em transe, em pânico) Ele está movendo os dedos. Abriu a mão. E ninguém notou. Estão cegos ou o quê?(para o cadáver) Eu não tenho / culpa por não sentir nada. Deveria? Responde! Deveria? Todos estão fingindo que sentem. Mas, não passa de teatro! Ouviu? Não. Não faça isso... por favor, larga a minha mão... solta...solta...

"A LADAINHA"

MÉDICO:(despindo, como os demais a máscara social) Que velho filho da puta!

CORO: Grandíssimo filho da puta!

PARENTA 1: Eu cuspiria na sua cara!

CORO: Cuspiria... bem na cara!

CUNHADO: Pena que não possa ouvir, seu velho escroto!

CORO: Pena que não possa... pena mesmo... velho escroto!

IRMÃ: Digam o que quiser. Ele gostava de crianças.

CORO: Gostava... gostava sim... isso gostava!

PARENTA 2: Degenarado! Fez coisas que não se pode dizer alto!

CORO: Não se pode... muito menos dizer alto!

"PRIMA: Comprava o silêncio das pessoas. Até a polícia tinha respeito.

CORO: Até a polícia... até a polícia tinha respeito...

AMIGUINHAS JUNTAS: Não era respeito. Era medo.

CORO: Respeito, nada! Era medo...

"ELA": Eu não tinha medo. Nunca tive.

CORO: Ela não... nunca teve... nunca teve medo!

ELA: (em voz mais alta) Eu era sua neta preferida!

IRMÃ: (quebrando a ladainha) Depravada!

"ELA": (para si) Larga... larga a minha mão!

PARENTA 1: Mas nunca tocou nas crianças da família.

PARENTA 2: As netas... ele respeitava.

IRMÃ: Qualquer sujinha da rua servia. Mas as netas, não.Nunca!

PARENTAS: E tinha os meninos. Até os meninos!

CUNHADO: O filho do homem da mercearia.

PARENTA 1: O "vesguinho" dos cachorros.

PARENTA 2: Aquele que a mãe se matou de desgosto. Bebeu gasolina!

PRIMA: E o filho de "papuda". Até esse que era mirrado. Puro osso! Foi também!

MÉDICO: A infeliz da "papuda", que fazia faxina para o velho, gritou, deu queixa por causa do filho. Ele com a maior "cara" ofereceu uma casinha para



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

a idiota, no morro do Pingo. E ficou assim.

IRMÃ: A pobre, até beijou as mãos do velho. Chorou de agradecimento. (as vozes vão sumindo e as personagens também, ora murmurando uma e outra palavra desconexa)

ELA: (só, no primeiro plano) Meu avô certo dia olhou para mim e me chamou. Ele já nem andava. Tinha lágrimas nos olhos quando falou assim: "Depois que eu estiver morto, você vai lembrar? Vai lembrar do vovô?" Não sei o que respondi. Qualquer coisa. Só fiquei imaginando porque ele naquele momento parecia um santo. Não "aquilo" que diziam dele. Aquilo o quê? Nunca fiquei sabendo direito! Nem queria. Tem coisas que gente prefere não saber...

"A IRMÃ": Choro à toa quando estou assim. Choro por tudo. Choro se escuto garrido de cachorro. Choro por um vasinho quebrado, desses que não se tem onde colocar. Choro até vendo TV. Por qualquer besteira. As pessoas em geral, não entendem. Olha, quando o John Lenon morreu, assassinado, eu chorei como uma doida! Mas, não foi por causa dele, não. Todo mundo pensou. Não. Foi por causa da Yoko. Ono, a Yoko! Me identifiquei com a miserável. Sempre à sombra do marido. Sempre à margem de tudo. Ela, feia como a dor. Sei lá, chinesa, japonesa, coreana, que raça for. Todo mundo entrevistando, tirando fotos, filmando pedindo e desencavando discos da dupla. Mas nada por causa dela. Tudo pelo marido que era Beatle. Pode? Dá pra agüentar isso? Se ela, vamos supor, tivesse morrido: Não ele. Iam ligar? Necas! Era o mesmo que tivesse morrido um cachorro cheio de pulga!

CENA 6 - "O Ataque" - O Assassino

ELA: (com o rosto sob o foco de uma lanterna portátil) Não quero luz. Para. Não suporto luz forte. (O vulto que comanda a lanterna é o de um homem com botas, calças estreitas, jaquetas de couro, luvas e uma espécie de máscara. A parece a Enfermeira.)

ENFERMEIRA: Está na hora do nosso remedinho.

ELA: Tira "ele" daqui. Manda sair!

ENFERMEIRA: O senhor é parente? O horário de visitas terminou. Lamento. Pode voltar outra hora. (O vulto avança sobre a enfermeira e a apunhala no estômago duas ou três vezes) Isso não foi muito bonito. Não se pode abrir excessões. O horário de visitas terminou. O horário terminou... (cai).

(o vulto desaparece)

ELA: (revistando os bolsos da enfermeira caída) Preciso dormir. Ou, vão me culpar por isso. Preciso das pílulas. Das pílulas, sua idiota! Depressa, sua maldita! (encontra um vidro pequeno) Eles poderiam me culpar. Sempre fazem isso.

(o cunhado, a irmã, as parentas, a prima, as amiguinhas aparecem para resgatar o corpo da enfermeira, no plano 2)

PARENTA 1: Precisamos avisar o médico. Aí, ele manda outra.

IRMÃ: Outra sim. Antes que esta comece a cheirar mal.

PARENTA 2: Enterramos no jardim? Tem espaço? (começam a carregar o corpo em procissão.)

IRMÃ: Mandamos rezar uma missa.

CUNHADO: Mas, nada de chamar a polícia.

PARENTA 1: Foi morte natural. Vamos plantar uns gerânios por cima dela.

PARENTA 2: Os defuntos dão excelentes adubos. Ouvi dizer! E ela iria gostar.

IRMÃ: Adoro gerânios. Melhor esperar escurecer. Os vizinhos podem querer / saber... Eles sempre aparecem. Bisbilhotando, enchendo a casa de orquídeas.

PARENTA 1: E a coisa se espalha. Vem os fotografos.

CUNHADO: A polícia.

PARENTA 2: A televisão.

CUNHADO: E uma coisa puxa a outra... Fariam perguntas!

IRMÃ: É, uma coisa puxa a outra. Cafezinho, refrigerantes e biscoitos para toda essa gente. Fica feio não oferecer.

PRIMA: Claro. Concordo. Uma coisa puxa a outra. Os absurdos!

CUNHADO: Iriam imaginar que tenho uma amante.

IRMÃ: Iriam suspeitar que você tem uma amante.

PRIMA: Iria saber que EU sou a amante.

(desaparecem levando o corpo)

ELA: (só) Eu sabia que ele tinha uma amante. Uma amante fixa. Regular. Tudo muito sigiloso e organizado. É do estilo dele. Quando nasceu deve ter engolido uma agenda, imbecil. (pausa) Por que as pílulas não fazem efeito? Preciso me confessar. Ou vou ficar louca e acabar...

"MÉDICO": Cometi suicídio duas vezes. Quero dizer: tentei cometer suicídio duas vezes. E não me sinto menos ajustado por ter feito isso. Nas duas vezes, tomei o cuidado de deixar a porta do banheiro destrancada. Para que me achassem logo. Quero dizer, depois de morto. Acho terrível um cadáver ficar apodrecendo sozinho, a espera de alguém que o encontre. Muitas vezes só vão achá-lo depois de dias. Se tentar outra vez, não vou fazer no banheiro. Parece falta de imaginação. É deprimente. O cara ali, estirado no chão, com a cabeça entalada na privada. No banheiro, não! Vou anotar alguns lugares em que estive pensando... se me decidir. Mas não vou resolver nada apressadamente.

CENA 7 - A Confissão

(O padre é visto em silhueta por detrás do painel branco)-Música litúrgica

"ELA": Padre...está aí?

PADRE: Sim, milha filha. Pode falar abertamente.

"ELA": Padre, preciso do perdão e da benção de Deus, porque pequei.

PADRE: Abra seu coração, milha filha.

"ELA": Padre...alguém morreu no meu lugar.

PADRE: Isto é grave. Minha filha, você tentou evitar uma coisa dessas?

"ELA": Claro que não, ora bolas. Por isso mesmo estou aqui. "Ele" ia me matar. A enfermeira entrou bem na hora. Deu azar. A escolhida foi ela. (revoltada) O que é que o senhor queria? Eu devia ter impedido? Gritado? Ela não! Ela não! Eu me sacrifiquei! Acha que devia, acha?

PADRE: Minha filha. Uma pessoa inocente morreu em seu lugar. Reflita.

"ELA": É. Morreu. E vim pedir o perdão de Deus, porque estou viva. Bem viva.

PADRE: Agora que tudo acabou, minha filha, deve...

"ELA": Mas não acabou. Ele vai voltar, padre! Ele voltará sempre. Só espero que a nova enfermeira chegue a tempo. Se ele me encontrar, sozinha no quarto, o senhor já sabe, não sabe?

PADRE: Filha, Cristo é bom e generoso. Perdoou a pecadora, e o bom ladrão. Sempre perdoa se há arrependimento. Tenha fé. Porém neste caso...

"ELA": Padre, o "perdão" de Cristo é limitado?

PADRE: Como disse minha filha?

"ELA": Não estou incluída na lista de perdão, porque estou viva e pretendo continuar? Vamos supor. Se ele cortar o meu pescoço, da próxima vez, serei perdoada?

PADRE: Reze minha filha. Reze. Estás confusa. Cristo já perdoou você, quando perdeu a anotação. Aquilo foi um acidente...Mas você deverá voltar lá, filha.

ELA: (no plano 1) Mas o quarto está vazio...vazio...para que voltar lá?

IRMÃ: (no plano 2) Está acordada, querida? A nova enfermeira chegou.

CUNHADO: (plano 2) Ninguém chamou a polícia. Até o médico não viu motivo. Apenas pediu que vigiássemos melhor a enfermeira nova. Só para garantir.

IRMÃ: Mas não se preocupe, querida. Se ela morrer também, chamaremos outra.

(desaparecem)

(Surge a mesma enfermeira, com o avental lavado em sangue, muito calma e profissional), enquanto os dois se vão.

ELA: Esta, não quero!

ENFERMEIRA: Não vamos ficar nervosas. Não faz bem a nossa saúde, não é mesmo?

ELA: Saia daqui sua bruxa! Você está morta!

ENFERMEIRA: Morta? Claro que sim. Mas não vamos perder a cabeça por uma coisinha dessas, não é? Só não precisamos contar para o Doutor, certo? Combinado? Se ele descobrir que morri, perco o emprego. Isso não seria justo, seria? Abra a boquinha agora... não vamos fazer cara de nojo e agir como criança mimada...ham?

ELA: Eu guardo o segredo. Será o nosso segredo, concordo. Mas chame o médico. O médico moço. Não o outro. O outro, com cara de bode, eu não quero! Telefone...telefone...(a enfermeira desaparece) Padreeeee!(ela puxa o reposteiro. Não é mais o padre. Mas o médico jovem.)

"ELA": O senhor veio! (se olham magnéticamente e ficam assim durante o...)

"PARENTA 2": Sempre sonho com a mesma coisa. Estou assaltando a geladeira. Morta de fome. Aí aparece o "Rambo". Aquele dos filmes americanos...e explode tudo com a metralhadora. Vai tudo pelos ares! Quando olho prá mim... estou só de calcinhas. Ele chega com todos aqueles músculos. De repente / não é mais ele. É meu marido me mandando ir prá cozinha. Outras vezes o "Rambo", é minha sogra que usa chapa. Acordo suada. Perco o sono. Levanto e vou até a geladeira. Só para ver se está tudo no lugar.



"ELA": Veio por minha causa?

MÉDICO: Para lhe dar alta.

"ELA": Estou normal agora?

MÉDICO: Não precisa mais de mim.

"ELA": Mas preciso. Não sabe o quanto. Pensa que é fácil dizer?

MÉDICO: Que está amando alguém?

"ELA": Como soube? Adivinhou?

MÉDICO: Entre duas pessoas, há coisas muito mais fortes e visíveis do que as palavras. (aproxima-se como num filme americano)

PRIMA: (que aparece, como sempre vulgar) Vai monopolizar o doutor, vai? / Francamente!

"ELA": É minha prima.

MÉDICO: Já nos conhecemos. (A atenção dele se volta totalmente para a prima) Quer uma carona? Estou de saída.

PRIMA: Ah, deixa! Não quero encomodar.

ELA: (plano 1) Por que esta desgraçada aparece sempre "na hora"! A mulher feliz, no amor não tem "prima". Juro que não tem.

PRIMA: (plano 2) Ela perde coisas, sabia Doutor?

MÉDICO: Não tenho seu telefone.

PRIMA: Eu encontrei. (ergue um papel dobrado, "balançando" como troféu)

ELA: (plano 1) Mentirosa. Está blefando. Não acredite. Não seja idiota de acreditar nela! Não perdi nada. Nem ela encontrou nada!

MÉDICO: (pegando no braço da prima) Vamos?

"ELA": Vai voltar...? Pra me ver?

MÉDICO: Por quê? O tratamento acabou! (saem os dois, muito íntimos)

"ELA": (no centro da cena) Cástigo. Castigo de Deus. Quando fiz a primeira comunhão cometi um pecado horrível. Não fiz de propósito. Juro. É que ficou entalado na garganta. Quase vomitei. Não tive outro jeito. Mastiguei a óstia. Mastiguei o "Corpo de Cristo". (sai correndo como adolescente culpada)

ELA: Mas ninguém viu. Ninguém vê nada. Nem minha irmã que é onipotente. . Ninguém sente o cheiro de podridão que aquela miserável anda exalando. / Nem vê o sangue. Nada. A maldita enfermeira anda impune por aí, completamente morta. É indecente o descarnamento dela!

ENFERMEIRA: Hora do nosso remedinho!

"ENFERMEIRA": Eu sinto perfeitamente quando estou começando a perder o controle. É como se escutasse uma sineta, dentro da cabeça. Começa com / uma ansiedade. Depois aumenta. Esbarro nos móveis. Quebro coisas. Respondo gritando. Ninguém entende. Evitam falar comigo. Começam a susurrar pelos cantos: "está mal". Eu, na verdade, consigo aceitar o fato de ficar nervosa e angustiada de vez em quando. O que me deixa louca é os outros perceberem isso!

CENA 9 - Segunda morte

(o assassino é visto por detrás do reposteiro, a espera)

ELA: Quero sair. Preciso ver gente. "Viva" de preferência. Preciso de ar!

ENFERMEIRA: Não vamos sair hoje. Precisamos ainda de cuidados.

ELA: Você precisa. Eu não. Me curei de você. Traga a minha bolsa. Ela está ali. (aponta o reposteiro)

ENFERMEIRA: O Doutor não vai gostar.

ELA: O que é que custa? Você já está morta mesmo. Vai.

(Ela obedece e se encaminha para trás do reposteiro. O assassino corta o pescoço da enfermeira de um só golpe. Tudo desaparece)

IRMÃ: (encabeçando uma comitiva nervosa de personagens) Aconteceu de novo.

CUNHADO: Sorte ter feito a cova bem funda da primeira vez. Onde cabe uma.. ..cabe duas.

PARENTA 1: A cova é grande, como convém.

IRMÃ: Ah, mas ninguém vai pisotear e arrancar os meus gerânios. "Despejem esta em outro lugar.

PARENTA 2: Que tal no terreno baldio? Naquele que os cachorros vão mijar!

CUNHADO: Incinerar é muito limpo e prático. E não ocupa espaço.

IRMÃ: E o que se faz com as cinzas?

PRIMA: A gente faz assim, ó!!(assopra com nojo) Assim!(assopra novamente)

PARENTA 1: Precisam avisar o Doutor.

PARENTA 2: É, não se pode descuidar. Será que ele manda outra?

IRMÃ: Se essas enfermeiras não morressem com tanta facilidade. Não sei. / Qualquer dia, o pessoal do Hospital vai aparecer prá investigar.

PARENTA 1: Se pode dar jeito! Não se atende a porta. Que arreentem com a campainha! Deixa!

PARENTA 2: Ou dizemos que a paciente morreu também. E que foi culpa da enfermeira!

CUNHADO: Que se enganaram de endereço!

IRMÃ: (para Ela, subitamente) Que o quarto está vazio!(saem)

ELA: Lembrei de alguma coisa. Algo importante. Algo que precisava saber.. Mas me fugiu. Esqueci outra vez. Não é estranho? Talvez sejam as pílulas.

CENA 10 - A carta

(Ela retira do seio uma carta)

ELA: (olhando para ver se não é observada) Roubei isso dos bolsos daquela imbecil, agora a pouco. Deve ser "dele".(abre a carta)

MÉDICO: (plano 2) Minha querida. O que aconteceu naquela tarde, depois / que saí com sua prima, você bem pode imaginar.

ELA: Não vou continuar...Não devia nem ter começado.

MÉDICO: Existe um lugar, meio descampado, perto da Usina Hidroelétrica. Fomos! Nem descemos do carro. Poltronas reclináveis. FM ligado! Aconteceu / tão rápido.

ELA: Como é que ele pode ser tão cínico de ainda botar tudo isso no papel?! E ela? E ela? Os dois se merecem (continua lendo)

MÉDICO: Um homem pode ser fraco. Porém, não é cego. A sua prima não pas-

sa de uma vadia!

ELA: Concordo. Vadia de pai e mãe. E daí?

MÉDICO: Não estou fugindo à responsabilidade do que fizemos. Apenas quero dizer que me arrependo. E que...

ELA: Não vou continuar a ler. Para que ficar me iludindo?

MÉDICO: Mesmo que nunca possa haver "algo real" entre nós. Que tudo que gostaria de ter com você, não seja possível...

ELA: Do que ele está falando?

MÉDICO: Ninguém culpa você pelo acidente. Sua prima é uma mulher falsa. O que ela disse... não considerei. Juro! Mas é pre-ci-so-que-se-co-men-te-que-a-você. Eu-a-mo. (Ela amarrota a carta)

ELA: Acidente. Um acidente.

"PARENTA 1": Não gosto de pó. Pó, entendem? Pó. Pó nas coisas, nos móveis, na roupa, em cima dos armários, debaixo das camas, nos cantos: Não suportto. Não, perto de mim. Prefiro que "ele" fique onde está. Não deixo mexer com o espanador. Não, perto de mim! Eu mesma faço isso. Com pano molhado e depois jogo tudo direto na lixeira. Descobri que o pó não está só grudado nas coisas. Ele anda. Voa. Está no ar, pode entrar pela boca das pessoas (fecha a boca, coloca um lenço para continuar falando) Não se pode evitar isso. A gente precisa acostumar. Eu tento viver bem com o "pó". Na medida do possível. Ele fica lá e eu aqui.

CENA 11 - Festa Surpresa

ELA: Preciso fugir. Antes que descubram. Eles vão me pegar. Eu sei. (Explosão festiva. Todos os personagens, com excessão da enfermeira, aparecem com ridículos chapeuzinhos de festa de aniversário, matracas, linguas de sogra, máscaras de papel e balões)

IRMÃ: Você ia fugir?

CUNHADO: Estão servindo um whisky nacional. Péssimo!

PRIMA: As empadinhas estão velhas.

IRMÃ: A maionese ficou fora da geladeira mais de dois dias.

AMIGUINHA PRIMEIRA: Os refrigerantes estão quentes! Fizeram "degelo" de manhã.

AMIGUINHA SEGUNDA: Vi gente mexendo nos presentes. Até abriram.

CUNHADO: (Aos berros, meio bêbado) Mulher linda. De deixar qualquer um bando, tem aqui em casa mesmo, tão sabendo?

PARENTA 1: Não serviram um docinho. Gente sem classe.

PARENTA 2: Vi um homem mijando de porta aberta. Nem ligou quando me viu.

MÉDICO: Tudo é Brasil! (quase num discurso) E você só pode falar se já esteve nos Estados Unidos. Lá TUDO é cobrado. Em dolar! Até "bom dia".

PARENTA 1: Na Itália, me disseram, as mulheres não raspam o sovaco!

PRIMA: Ganhei uma bolsa de estudos para a Espanha. Lindo! Adorei tudo! Aquele bando de gente correndo, pelas ruas, atrás de um touro meio manco. Selvagem, mas excitante!

PARENTA 1: Eu não concordo quando dizem que a Carmem Miranda se vendeu /

pros Americanos. Ninguém queria ela, por aqui. Fez bem!

PARENTA 2: Acho que depois do Kennedy. Ninguém. Presidente como ele. Quero Ver.

MÉDICO: O vírus quando penetra no organismo...

PARENTA 1: E a Indira? A Golda?

PRIMA: Aí vem o bolo. Ela matou a enfermeira! (aponta para Ela)

CUNHADO: Chico Xavier é que estava certo!

PARENTAS: Fomos assistir "Casablanca" na primeira sessão. Não gostamos. / Mas todo mundo estava lá.

AMIGUINHAS: O Bolo está vindo!

MÉDICO: A dívida externa e a dívida interna, no fundo, são a mesma coisa. Tudo é a mesma coisa. Monótono.

PRIMA: Ela morre de inveja de mim! Já matou duas enfermeiras.

CUNHADO: Nostradamus previu toda essa droga!

CORO: O Bolo? Cadê o Bolo?

ENFERMEIRA: Surpresa! (a enfermeira vem trazendo o bolo. Ao pescoço um in disfarçável lenço ensanguentado. Todos se voltam para ELA)

CORO: (cantando o parabéns do avesso)

"Muitos anos de vida, nesta felicidade. Parabéns nesta vida.

E muitas mais pra você"

IRMÃ: Corte o bolo! (lhe dão uma faca assustadoramente grande) Vai fazer luxo?

PRIMA: A enfermeira! Primeiro a enfermeira! Corta a enfermeira!

CORO: O bolo, a enfermeira, corte tudo o que quiser...

ELA: (explode num grito) Parem! (todos desaparecem)

CENA 12 - A última gota

(Balé de "Ela" como num filme Hollywoodiano)

ELA: (como que apreciando a si mesma) Os filmes americanos é que estão certos. Aqueles em que ela é uma pobre órfã que de repente desperta para o mundo. Decidida vencer a qualquer custo. E, como saído não sei de onde, aparece um jovem, belo e arquimilionário. Ele está louco por ela, mas a distância social? Porém tudo se ajeita. Numa chuva de balões e lágrimas. Ela vence. A prima invejosa e sem escrúpulos é punida com a solidão. Vira garota de programa, "Go-Go Girl", "Striper", qualquer troço bem sórdido. O casamento só acontece na imanação da gente. Ou melhor, só a festa. Nada daquela rotina sem graça que a minha irmã tem de suportar. Por que se casou com aquele sujeito cretino. Nada de ruim, feio, sujo ou anormal. Tudo muito sadio e perfeito. Reluzente. Todos estão felizes, com excessão da prima. Ninguém precisa de enfermeiras, pílulas, médicos que se cospem quando falam, hospitais ou quartos vazios...

ENFERMEIRA: (desligando a TV imaginária) Estamos cansando demais os nossos olhinhos. Já chega de TV por hoje. Vamos abrir a boquinha sem fazer cara feia. (o assassino reaparece)

ELA: Ele veio me buscar. Eu sei.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ENFERMEIRA: Vamos abrir a nossa boquinha?

ELA: (para ele) Não pode ser ela? Como das outras vezes? Por favor!

ENFERMEIRA: Teimosia não adianta de nada. Precisamos obedecer as ordens / do Doutor. (muda, parece agir com frieza, como outra pessoa) O quarto está vazio.

ELA: Mas eu tenho certeza. É aqui.

ENFERMEIRA: O quarto está vazio. Já levaram o corpo para o necrotério. (O assassino está diante dela. Ela se ergue e avança lentamente para ele, toca em seu rosto coberto pela máscara)

ELA: Você veio me buscar? Não veio? (retira a máscara com suavidade: é o médico)

MÉDICO: O tratamento acabou.

ENFERMEIRA: Já levaram o corpo para o necrotério! (Ela grita) O paciente / morreu.

(desaparecem os dois)

CENA 13 - Volta

AMIGUINHAS: (cantando e flutuando no espaço) "Minha mãe me penteava, minha prima me enterrou, sob os figos da figueira de marré, marré, marré..."

PARENTAS: (num dueto de lamento) "Morreu, morreu... antes ele do que eu. Morreu, morreu, antes ele do que ... Salve Maria... Salve, Salve... Ave Maria..."

MÉDICO: (como o assassino com o rosto descoberto) Não pode evitar. Você / está voltando...

PRIMA: Voltando, não pode evitar. Paciência.

PARENTAS E AMIGUINHAS: Voltando, voltando.

MÉDICO: Alguém morreu no seu lugar.

PRIMA: Você não teve culpa, querida. Pior pra ele. Que se lixe!

AMIGUINHAS: (cantando) Minha mãe, me penteava, minha prima me enterrou...

MÉDICO: (como assassino) Enterro simples. Tudo já está pago. Uma beleza!

PRIMA: Só sobrou a moto. Ficou pro irmãozinho.

PARENTAS: Ave, Ave, Ave Maria... Morreu, Morreu... antes ele do que...

MÉDICO: Você está voltando. Pulso normal. Vinte minutos.

PARENTAS: Voltando.

AMIGUINHAS: Voltando, voltando.

PRIMA: Esteve fora por vinte minutos, "darling". Agora... é com você!

CENA 14 - "A Realidade"

(A sala de espera de um consultório médico. Ela está sentada normalmente, porém, parece ter acabado de sair de um transe. Aparece a atriz que representou até então a "enfermeira")

SENHORA X: (para dentro) Obrigada Doutor. Obrigadíssima. Passar bem! (ao passar por Ela, bate-lhe no ombro) Viu? Não era nada. Só continuar a tomar os remedinhos direito. O Doutor me achou ótima. (saindo) Prazer, viu! A-deuzinho!

(Entra agora o médico que fora o "cunhado" ate então)

MÉDICO II: Seus exames estão em ordem. (entregando os mesmos num envelope) Não precisa se preocupar. As radiografias não acusam nada. Seu encéfalo está ótimo.

ELA: (que se ergue, um tanto confusa) Posso ir então, Doutor?

MÉDICO II: Claro que pode. Com a promessa de não abusar das pílulas novamente.

ELA: Sim, sim...vou agora..

(entra a enfermeira verdadeira, que fora até o momento a irmã)

ENFERMEIRA II: (entregando-lhe a bolsa e o casaco) A senhora esqueceu na sala de exames.

ELA; (confusa, fugidia) Obrigada. Obrigada Doutor. Que distração a minha. (sai) (os dois personagens ficam olhando para ela, que antes de sair, ainda se volta para fitá-los)

ENFERMEIRA: Ela parecia tão nervosa. Falei com ela várias vezes e nada. Não me respondeu. Mas ela está bem, não está?

MÉDICO: (com total frieza) Preciso de cigarros! Ela... está muito bem. / Talvez um pouco abalada ainda pelo acidente. Mulher na direção. (a enfermeira faz uma careta) Estava, acredito, meio tonta por causa das pílulas / que andava tomando. Receitei outras, menos fortes. O rapaz é que não teve muita sorte. Saiu bastante ferido, Arrebentou a moto. Mas agora está muito bem. A família dela pagou todo o tratamento. (distraído) tem fósforo?

ENFERMEIRA: Não fumo, Doutor. Esqueceu?

MÉDICO: Que pena. Pode mandar comprar pra mim. Esqueci o masso no carro. (Num rompante, entra a atriz, que fora até então a projeção jovem da personagem principal. É uma moça extrovertida e direta)

MOÇA: E ela não me esperou. Sabia. Sempre faz isso. O marido, está uma fera! Ela sair sem dizer nada. Mas eu adivinhei. Tentei ir atrás. Faz muito que saiu?

ENFERMEIRA: Quem?

IRMÃ: Sabia que ela tinha ido visitar o rapaz no hospital. Ele até já saiu de lá, recebeu alta, pelo que eu sei. Imagina. Uma mocinha meio vesga me disse que ela tinha ficado muito assustada quando encontrou o quarto vazio. Ficou preocupada quando perguntei. Depois até achamos graça, juntas. Imagine! Ela deve ter errado o número do quarto. Disse que perdera o papel com a anotação, ou coisa assim. E a vesguinha, vejam só, tinha dito para ela que o quarto estava vazio porque o paciente tinha morrido. E tinha mesmo. Mas era o quarto errado. Foi uma coisa! (consulta o relógio) E eu aqui de conversa. Se o marido dela ligar, digam que estive aqui. Prá / não se preocupar, tá?

MÉDICO: (distante) Ainda nem almoçei.

ENFERMEIRA: A senhorita é parente dela? Ah, sei agora me lembrei quando veio com ela naquele dia.

MOÇA: Pois é. Nem somos muito parecidas. Talvez a diferença de idade. Ninguém acha. Sou a irmã dela.

(BLACKOUT)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA FINAL

(Ela só no palco)

ELA: Não vou voltar lá. O quarto estava vazio mesmo. Pra que insistir. / Acho que perdi a anotação quando mexi na bolsa, procurando o lenço. Não vou voltar lá mesmo. É melhor. Não há nada que se possa fazer. Há? Não. Prefiro não voltar...Ninguém vai me culpar por isso também...Não. Que bobagem...Está uma linda tarde de outono.(acende um cigarro e fuma calmamente.)

PANO

FIM



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 1111
Fone: 226.0242 - CEP 90040-000

Deve ter

215
13

"COMPLEXO DE ALICE"

peça em um ato de SÉRGIO ILHA.

PERSONAGENS:

- ELA
- A IRMÃ
- O CUNHADO
- ENFERMEIRA
- AS AMIGHINHAS
- PARENTA I
- PARENTA II
- A PRIMA
- O MÉDICO MOÇO
- O ASSASSINO
- O PADRE
- "ELA", sua projeção
- SENHORA X
- ENFERMEIRA II
- MÉDICO II
- A MOÇA

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

"A menina perseguia um coelho branco e, quando o encontrou, descobriu que o coelho não era mais o coelho. Era ela mesma."

o autor

(Ela sobre um foco de luz)

ELA: O quarto dezessete é este. Tenho certeza. Quase certeza. Não sei como, perdi a anotação. Pode acontecer. Mas, tenho ótima memória. Isso é que conta. (pausa) Devo bater? (olha culpadamente para os lados) Não. Entro e pronto! Vou entrar...

CENA I- "A Descoberta"

(Ela está agora sentada em um banco. Retira da bolsa um maço de cigarros.)

ELA: Vontade de fumar. Não sei onde botei o isqueiro. (guarda os cigarros) Nem sei como começou. É difícil ter certeza sobre isso. Deve ter sido naquela / tarde, quase no final do outono. Não sei. Mas...foi de lá para cá, que comecei a enlouquecer...

ENFERMEIRA: (que entra, no plano 2, quase espectral) Está na hora do nosso re medinho.

ELA: Pílulas outra vez. Não quero dormir. Posso enganá-la. Finjo engolir e cuspo fora. Não engolirei nada que vier dela.

(Plano 2: A irmã, o cunhado e o médico jovem)

CUNHADO: Ela está muito bem.

ELA: Meu cunhado, sempre fica repetindo o que todo o mundo já sabe.

IRMÃ: Estamos sempre atentos, doutor.

ELA: Ela sempre mente a idade. Mania. Meu cunhado tem uns dez ou doze anos menos. Por isso brigam.

MÉDICO: É necessário que se troque os curativos diariamente. Duas ou até três vezes. (os três desaparecem)

ELA: Do que eles estão falando? (ergue-se e vai até um espelho imaginário. Surge sua imagem refletida, repetindo mecanicamente seus gestos: uma jovem) Não vejo nada. Nenhum curativo. Aquela maldita enfermeira nunca pôs as mãos em mim. Não que eu lembre. Talvez ela faça isso quando estou dormindo. Deve ser. (a imagem desaparece)

ENFERMEIRA: Já acordamos? Vamos tomar o nosso chazinho?

ELA: Ela é estúpida ou o quê? Mania de falar no plural. Pensa que estive / dormindo. Ou será que estive? Precisava saber... (a enfermeira sai)

CENA 2 "A Sedução"

(O Cunhado e "Ela" como se vê, ambos no plano 2)

ELA: Se eu não fosse mulher, meu cunhado nem me dava "bom dia".

(plano 2)

CUNHADO: Se não tivesse conhecido sua irmã primeiro, nem sei.

"ELA": Lá vem você com essas conversas!

CUNHADO: Estou sendo sincero. E você...finge que não entendeu.

"ELA": Entendi. Só não gostei!

CUNHADO: (próximo) Desculpe. Não falo mais nada.

"ELA": É natural. Morando na mesma casa. Pode acontecer, e daí?

CUNHADO: (mais próximo) O que pode acontecer?

"ELA": Sentir atração.

CUNHADO: Então ... você também sente.

"ELA": Quem disse? Quem? Não se encherça?

ELA: (plano 1) Ele pensa que é irresistível. Da pena. Dá pra gente imaginar um beijo que seja daquele homem? Ele tem um pivô assim, horrível, aqui no canto da dentura (mostra com um gesto de nojo). Sempre sorri de boca torta. Pensa que ninguém nota.

(Plano 2)

CUNHADO: (só) Nunca conheci mulher que não desse para desdobrar de saída. / Todas são iguais. Sentem cheiro de macho e arrepiam de início. Fazem "docinho". Para não dar na vista. Mas estão querendo. E quando ficam em "brasa" nem pensar. Qualquer homem serve. Até o marido da irmã!

ELA: (plano 1) Nunca pensei nele como homem.

CUNHADO: (plano 2) Tem mulher que se entrega na primeira vez.

ELA: Seria muito sujo. Desonesto. Traição. Nojento. Com tanto homem... porque o cunhado? Logo esse palhaço!? A minha irmã nem desconfia. (A irmã aparece/ no plano 2) Ou finge. A mulher sempre sabe "o marido" que tem. No fundo sabe.

(Plano 2)

CUNHADO: (lendo jornal, pára) Quando olho para uma mulher... ela entende logo.

IRMÃ: (que pinta as unhas) Poderíamos mandar reformar o banheiro. Vi umas idéias novas numa revista de decoração.

CUNHADO: Com a minha mulher, eu não vou muito longe. Na cama, ela não gosta. Quando chega a hora, finge sempre que está dormindo. É um ritual.

IRMÃ: Detesto lençóis coloridos. A cama precisa ser branca. Em todos os quartos.

CUNHADO: Quando casou, minha mulher era tão estupidamente virgem... que na primeira noite, nem sangrou. Ficou dura. Muda. Parecia uma múmia ofendida, enrolada nos lençóis.

IRMÃ: Não me dou bem com empregadas muito novas. São rebeldes. Preguiçosas. Respondem. E... roubam da geladeira.

CUNHADO: Acho que pegar mulher dentro de casa é falta de classe. O homem casado respeita o lar. Mesmo que a esposa seja um "dragão". Respeita, sim. Até empregada. Uma Maitê Proença. Coisa de louco. Não. Em casa não. Leva pro motel, pronto.

(O cunhado e a irmã desaparecem)

ELA: (plano 1) Ele vai ficar careca antes dos trinta e cinco. Tem caspa. / Esses dias, descobri uma revista suja no meio das coisas dele: "Nanette e o Totó". Me deu vontade de vomitar. Rasguei na hora. Queimei. Ele nem ia poder reclamar, ía? Não é "homem" prá isso! (pausa muda) Não vou tomar mais pílulas!

ANEXO 1- "O CUNHADO": Tomo pílulas regularmente. São pílulas muito pequenas, alaranjadas, contra o "stress". Elas ficam sempre no canto de cá da prateleira. Tudo organizado. Bem a mão. Depois vem as amarelas para o estômago. Todas em vidros separados pela cor. Vidros sem rótulos. Eu me encarrego de separar e limpar os vidros. Depois as vermelhas com branco do resfriado. No vidro seguinte, as brancas, grandes e redondas, para a dor. As brancas de tamanho/

médio para a nevralgia. As pequeninas, também brancas, da gastrite. Depois vem as verdes, achatadas, para o fígado. São as que mais gosto. Só não tenho azuis. Mas já separei um vidro menor para elas, conforme a necessidade. Nunca se sabe. Abaixo dessa prateleira, vem os xaropes, as gotas, vidros / grandes e pequenos de elixir. Estão sempre cheios. Prefiro as pílulas do andar de cima.

CENA 3- "A Irmã"

("Ela" e a irmã juntas no segundo plano)

IRMÃ: Você vai sentir muito? Vai? Quando me casar? Não minta.

"ELA": Vou. A gente está sempre junto.

IRMÃ: Eu sei. Como sei que você vai tentar se apoiar noutra pessoa qualquer. Talvez alguém que não preste. Você é tão dependente.

"ELA": Não vou fazer isso. Não sou aleijada!

IRMÃ: Viu? Ficou nervosa. Falo nisso e você perde o controle, sempre. Não / sou sua "mãezinha", entenda isso! Só por que vou me casar...você...

"ELA": Eu vou ficar muito bem, entendeu? Quer parar com essa conversa?!

IRMÃ: Está de novo tentando fugir da realidade. É assim que começa. Muita gente começa assim. E quando vê... louca de atar!

"ELA": Pára!

IRMÃ: Ciúme de irmã. Inveja, que seja. É natural. Mas, preste atenção, eu não tenho culpa se o rapaz morreu. Você deu azar. Aparece outro.

ELA: (Plano 1) Quem morreu? Que rapaz é esse? Ninguém morreu! Não lembro.

ENFERMEIRA: (que entra) O quarto está vazio. (sai)

IRMÃ: (plano 2) A melhor coisa, seria você vir morar conosco. Não planeja - mos nada ainda. Vou falar com "ele", você entendeu? Se o "chefe da casa" con - cordar...Você poderá vir. E, terá o seu quartinho. Só seu. Com toda a liber - dade. Pode convidar suas amiguinhas. Ouvir discos. Até você se casar também. Existem bons caras (só). Acho que o homem pode ser o que quiser. Não digo que goste. Aceito, aceito que tenha suas falhas. As escapadinhas de vez em quando. Coisa inconseqüente. Que acorde de mau humor, paciência! Que beba um pouco mais que o socialmente, aceitável. Pronto! Tenha feito umas sujei - rinhas na firma, pensando no futuro da família. Va lá! Se perdoa! Que seja de outra de outra religião, comunista. Mas veado? Fresco? Ah, não. Tem rapa - zes que fingem. Escondem. A mulher cai na deles e depois... Que nem o mari - do daquela Miss. Ela achou o tal com outro homem na cama dela e com o seu próprio baby doll... Foi o fim! (a irmã desaparece)

(aparece o médico jovem, no plano 2)

ELA: Meu médico... não aquele de cavanhaque, não. O mais moço, que de vez em quando vem me ver. Tem um sorriso! Ele se interessa realmente pelo bem estar das pessoas. Não é só: "toma isso, faça isso, nada disso". Não. Ele vai além da profissão. Nunca tocou em mim, só conversa. O outro não. O velho da barbi - cha. Fica bolinado, se cuspiendo todo... E se ele for fresco? Gay? Não o ve - lho, claro. O moço. Que importância pode ter isso?

MÉDICO: (plano 1) A enfermeira me entregou seus exames; Não demora nada.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ELA: Obrigada. (ele sai) Não é bonito, É médio. Não tem estampa. Mas o sorriso é tudo!

"AMIGUINHAS" (de mãos dadas, em falas alternadas) - Minha vida sexual é bem normal. Satisfatória. Não tenho nenhuma. Não se trata de incapacidade de me relacionar com rapazes, não. Pelo contrário. Mantenho distância desses cretinos. Eles querem sempre a mesma coisa. Só pensam em sexo. Achar que a gente é o que? Não pretendo me casar. Não tem nada de anormal nisso, tem? Uma pessoa pode escolher o que quer, e o que não quer para si mesma. Só peço que me deixem em paz! Não tenho nada contra o sexo. Se rapazes e moças/da minha idade insistem em praticar "esse troço", não tenho nada contra. Só não preciso imitá-los. É questão de higiene.

CENA 4 - Meus 15 anos

(a prima, as amiguinhas e "ela" como adolescentes, com revistas de artistas plano 2)

PRIMEIRA: Adoro Tony Curtis. Lindão! Me passa a tesoura.

SEGUNDA: Tenho coleções de Marlon Brando.

PRIMA: Odeio.

SEGUNDA: Esses dias roubei uma revista do consultório do dentista. Pensei que iam me pegar. Escondi na pasta do colégio. Fotos "desse tamanho" do Johny Mathias.

PRIMEIRA: Espera a mãe saber! Colecionando fotografia de um negro! Ela morre.

SEGUNDA: Vai contar, vai? Conta! Conta!

PRIMA: Eles tem... (nos ouvidos da primeira)

PRIMEIRA: Roxo! Que nojo!

PRIMA: (na mesma, de segredinhos) Enormes... (riem) Imaginou?

SEGUNDA: Grande coisa... nunca viram um!

PRIMA: Eu vi sim. Aquele preto que lavava os carros, andava mostrando prá todas as gurias do edifício. Deram queixa e tudo! Empresta a tesoura... (subtamente dão-se conta de que "Ela" está presente, folhando uma revista)

PRIMEIRA: O que ela tem?

SEGUNDA: Não sei. (para "Ela") Já viu essa? ("Ela" nem responde ou ergue a cabeça)

PRIMA: Nem queríamos vir. Foi a irmã dela que pediu.

PRIMEIRA: Foi! ("Ela" se ergue dali e vai para o plano 1, tapando os ouvidos).

SEGUNDA: Parece uma morta viva.

PRIMA: Uma velha...

PRIMEIRA: Fez quinze, na semana passada.

("Ela" e as demais desaparecem.)

ELA: Não foi assim que aconteceu. Eu era normal. Como qualquer outra. Todas elas estão mentindo. Inventando. Elas se aproveitam para inventar coisas sobre mim, por que... não me lembro direito. Quando tinha quinze gachei meu primeiro sapato de salto alto, forrado de azul clarinho. Tafetá.

Com dezesseis acho que... Com dezesseis, não me lembro nada. Só do filme da múmia. Gritei no cinema. Foi um fiasco. Com dezessete...alguém morreu.

"A PRIMA": Esses dias, fiquei com tanta raiva, que matei todos os meus colegas de escritório. Até a faxineira e a moça que traz cafezinho. Ficou assim a sala: Gente caída por cima das mesas, no chão, em toda a parte. Crivados/de bala. Muito sangue. Um rio! De repente o cara da mesa do lado virou pra mim. Um chato que não tira as mãos da máquina, nem para coçar a bunda! Falou assim: "Pode emprestar a borracha?" Aí eu^u que ninguém tinha morrido. Me senti culpada. Não sei nem atirar. Mas, não emprestei a borracha. Inventei uma desculpa!

CENA 5 - "Velório"

ELA: Dezessete. Cento e dezessete. Era este o número. O número está certo! E o quarto vazio. Dezessete!... Com dezessete meu avô morreu. Estava sendo velado na sala. Mania de velório caseiro! Aquele cheiro de vela. Horrível. (plano 2 aparecem os personagens diante de um caixão invisível) Estavam todos lá...as amiguinhas, a enfermeira cretina, a prima que foi miss, até o médico, o moço, claro! O outro nem deu as caras. Minha irmã estava de noivo a tiracolo. Firme. Andavam "se comendo" em pensamento. Nem ligavam pro defunto! Aliás, ninguém estava dando a mínima. Uma farsa.

PARENTA 1: Era melhor providenciar cafezinho e uns sanduiches para o pessoal. Nem tive cabeça de lembrar. Nessas horas...

MÉDICO: Era bom.

PARENTA 2: Morreu de que?

IRMÃ: Sirrose! (num susurro maior) Um horror!

CUNHADO: Vamos lá fora um pouco. Está abafado demais. Vem!

IRMÃ: Podem reparar. Fica cható. Não!

PARENTA 1: Estão só namorando, e já "aquele fogo"!

PARENTA 2: Ficaram noivos, santa!

PARENTA 1: Ah, então está bem. Quando vão casar?

PRIMA: Que calor, heim?

MÉDICO: Muito.

CUNHADO: Vamos ou não?

IRMÃ: Não. Não dá pra esperar? Sangria desatada!

CUNHADO: Com você é chata!

IRMÃ: (num grito)Grosso! (num murmúrio)desculpe, sim?!

AMIGUINHA PRIMEIRA: A gente tem de dar "pêsames"?!
6

AMIGUINHA SEGUNDA: Dá você! Eu tenho vergonha. (começam a rir)

OS OUTROS: Psiuuuuuu!

IRMÃ: (para "Ela") Vai beijar o vovô? Se despedir?

"ELA": Tenho?

IRMÃ: Acho que deve. É bonito. Ele ia gostar.

"ELA": Preciso beijar?

IRMÃ: Pega na mão!Toca. Faz um gesto. Demonstra que sente. Custa?
7

PRIMA: Se chover não sei como me arranjo. Esqueci a sombrinha em casa.

MÉDICO: Posso dar uma carona...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ELA: (plano 1) Oferecida!

TODOS: (plano 2) Psiuuuuu!

(Ela se debruça sobre o caixão imaginário)

AMIGUINHA PRIMEIRA: Ela vai beijar...

TODOS: (num murmúrio) vai beijar...(uns para os outros) vai beijar!

AMIGUINHA SEGUNDA: Não teve coragem. Não beijou.

TODOS: (murmurando) Teve nojo! (uns para os outros) Não beijou!

("Ela", trêmula estende a mão e a coloca sobre a "mão do morto")

(As parentas choram convulsivamente)

"ELA": (para si, em transe, em pânico) Ele está movendo os dedos. Abriu a mão. E ninguém notou. Estão cegos ou o quê?(para o cadáver) Eu não tenho / culpa por não sentir nada. Deveria? Responde! Deveria? Todos estão fingindo que sentem. Mas, não passa de teatro! Ouviu? Não. Não faça isso... por favor, larga a minha mão... solta...solta...

"A LADAINHA"

MÉDICO:(despindo, como os demais a máscara social) Que velho filho da puta!

CORO: Grandíssimo filho da puta!

PARENTA 1: Eu cuspiria na sua cara!

CORO: Cuspiria... bem na cara!

CUNHADO: Pena que não possa ouvir, seu velho escroto!

CORO: Pena que não possa... pena mesmo... velho escroto!

IRMÃ: Digam o que quiser. Ele gostava de crianças.

CORO: Gostava... gostava sim... isso gostava!

PARENTA 2: Degenarado! Fez coisas que não se pode dizer alto!

CORO: Não se pode... muito menos dizer alto!

PRIMA: Comprava o silêncio das pessoas. Até a polícia tinha respeito.

CORO: Até a polícia... até a polícia tinha respeito...

MIGUINHAS JUNTAS: Não era respeito. Era medo.

CORO: Respeito, nada! Era medo...

"ELA": Eu não tinha medo. Nunca tive.

CORO: Ela não... nunca teve... nunca teve medo!

ELA: (em voz mais alta) Eu era sua neta preferida!

IRMÃ: (quebrando a ladainha) Depravada!

"ELA": (para si) Larga... larga a minha mão!

PARENTA 1: Mas nunca tocou nas crianças da família.

PARENTA 2: As netas... ele respeitava.

IRMÃ: Qualquer sujinha da rua servia. Mas as netas, não.Nunca!

PARENTAS: E tinha os meninos. Até os meninos!

CUNHADO: O filho do homem da mercearia.

PARENTA 1: O "vesguinho" dos cachorros.

PARENTA 2: Aquele que a mãe se matou de desgosto. Bebeu gasolina!

PRIMA: E o filho de "papuda". Até esse que era mirrado. Puro osso! Foi também!

MÉDICO: A infeliz da "papuda", que fazia faxina para o velho, gritou, deu queixa por causa do filho. Ele com a maior "cara" ofereceu uma casinha para

a idiota, no morro do Pingo. E ficou assim.

IRMÃ: A pobre, até beijou as mãos do velho. Chorou de agradecimento.

(as vozes vão sumindo e as personagens também, ora murmurando uma e outra pa-lavra desconexa)

ELA: (só, no primeiro plano) Meu avô certo dia olhou para mim e me chamou. / Ele já nem andava. Tinha lágrimas nos olhos quando falou assim: "Depois que eu estiver morto, você vai lembrar? Vai lembrar do vovô?" Não sei o que respondi. Qualquer coisa. Só fiquei imaginando porque ele naquele momento parecia um santo. Não "aquilo" que diziam dele. Aquilo o quê? Nunca fiquei sabendo direito! Nem queria. Tem coisas que gente prefere não saber...

"A IRMÃ": Choro à toa quando estou assim. Choro por tudo. Choro se escuto gånido de cachorro. Choro por um vasinho quebrado, desses que não se tem onde colocar. Choro até vendo TV. Por qualquer besteira. As pessoas em geral, não entendem. Olha, quando o John Lenon morreu, assassinado, eu chorei como uma doida! Mas, não foi por causa dele, não. Todo mundo pensou. Não. Foi por causa da Yoko. Ono, a Yoko! Me identifiquei com a miserável. Sempre à sombra do marido. Sempre à margem de tudo. Ela, feia como a dor. Sei lá, chinesa, japonesa, corãna, que raça for. Todo mundo entrevistando, tirando fotos, filmando pedindo e desencavando discos da dupla. Mas nada por causa dela. Tudo pelo marido que era Beatle. Pode? Dá pra agüentar isso? Se ela, vamos supor, tivesse morrido: Não ele. Iam ligar? Necas! Era o mesmo que tivesse morrido um cachorro cheio de pulga!

CENA 6 - "O Ataque" - O Assassino

ELA: (com o rosto sob o foco de uma lanterna portátil) Não quero luz. Pára. Não suporto luz forte. (O vultó que comanda a lanterna é o de um homem com botas, calças estreitas, jaquetas de couro, luvas e uma espécie de máscara. A parece a Enfermeira.)

ENFERMEIRA: Está na hora do nosso remedinho.

ELA: Tira "ele" daqui. Manda sair!

ENFERMEIRA: O senhor é parente? O horário de visitas terminou. Lamento. Pode voltar outra hora. (O vulto avança sobre a enfermeira e a apunhala no estôma-go duas ou três vezes) Isso não foi muito bonito. Não se pode abrir excessões. O horário de visitas terminou. O horário terminou... (cai).

(o vulto desaparece)

ELA: (revistando os bolsos da enfermeira caída) Preciso dormir. Ou, vão me culpar por isso. Preciso das pílulas. Das pílulas, sua idiota! Depressa, sua maldita! (encontra um vidro pequeno) Eles poderiam me culpar. Sempre fazem isso.

(o cunhado, a irmã, as parentas, a prima, as amiguinhas aparecem para resgatar o corpo da enfermeira, no plano 2)

PARENTA 1: Precisamos avisar o médico. Aí, ele manda outra.

IRMÃ: Outra sim. Antes que esta comece a cheirar mal.

PARENTA 2: Enterramos no jardim? Tem espaço?(começam a carregar o corpo em procissão.)

IRMÃ: Mandamos rezar uma missa.

CUNHADO: Mas, nada de chamar a polícia.

PARENTA 1: Foi morte natural. Vamos plantar uns gerânios por cima dela.

PARENTA 2: Os defuntos dão excelentes adubos. Ouvi dizer! E ela iria gostar.

IRMÃ: Adoro gerânios. Melhor esperar escurecer. Os vizinhos podem querer / saber... Eles sempre aparecem. Bisbilhotando, enchendo a casa de crianças.

PARENTA 1: E a coisa se espalha. Vem os fotógrafos.

CUNHADO: A polícia.

PARENTA 2: A televisão.

CUNHADO: E uma coisa puxa a outra... Fariam perguntas!

IRMÃ: É, uma coisa puxa a outra. Cafezinho, refrigerantes e biscoitos para toda essa gente. Fica feio não oferecer.

PRIMA: Claro. Concordo. Uma coisa puxa a outra. Os absurdos!

CUNHADO: Iriam imaginar que tenho uma amante.

IRMÃ: Iriam suspeitar que você tem uma amante.

PRIMA: Iria saber que EU sou a amante.

(desaparecem levando o corpo)

ELA: (só) Eu sabia que ele tinha uma amante. Uma amante fixa. Regular. Tudo muito sigiloso e organizado. É do estilo dele. Quando nasceu deve ter engolido uma agenda, imbecil. (pausa) Por que as pílulas não fazem efeito? Preciso me confessar. Ou vou ficar louca e acabar...

"MÉDICO": Cometi suicídio duas vezes. Quero dizer: tentei cometer suicídio duas vezes. E não me sinto menos ajustado por ter feito isso. Nas duas vezes, tomei o cuidado de deixar a porta do banheiro destrancada. Para que me achassem logo. Quero dizer, depois de morto. Acho terrível um cadáver ficar apodrecendo sozinho, a espera de alguém que o encontre. Muitas vezes só vão achá-lo depois de dias. Se tentar outra vez, não vou fazer no banheiro. Parece falta de imaginação. É deprimente. O cara ali, estirado no chão, com a cabeça entalada na privada. No banheiro, não! Vou anotar alguns lugares em que estive pensando... se me decidir. Mas não vou resolver nada apressadamente.

CENA 7 - A Confissão

(O padre é visto em silhueta por detrás do painel branco)-Música litúrgica

"ELA": Padre...está aí?

PADRE: Sim, milha filha. Pode falar abertamente.

"ELA": Padre, preciso do perdão e da benção de Deus, porque pequei.

PADRE: Abra seu coração, milha filha.

"ELA": Padre...alguém morreu no meu lugar.

PADRE: Isto é grave. Minha filha, você tentou evitar uma coisa dessas?

"ELA": Claro que não, ora bolas. Por isso mesmo estou aqui. "Ele" ia me matar. A enfermeira entrou bem na hora. Deu azar. A escolhida foi ela. (revoltada) O que é que o senhor queria? Eu devia ter impedido? Gritado? Ela não! Ela não! Eu me sacrifiquei! Acha que devia, acha?

PADRE: Minha filha. Uma pessoa inocente morreu em seu lugar. Reflita.

"ELA": É. Morreu. E vim pedir o perdão de Deus, porque estou viva. Bem viva.

PADRE: Agora que tudo acabou, minha filha, deve...

"ELA": Mas não acabou. Ele vai voltar, padre! Ele voltará sempre. Só espero que a nova enfermeira chegue a tempo. Se ele me encontrar, sozinha no quarto, o senhor já sabe, não sabe?

PADRE: Filha, Cristo é bom e generoso. Perdoou a pecadora, e o bom ladrão. Sempre perdoa se há arrependimento. Tenha fé. Porém neste caso...

"ELA": Padre, o "perdão" de Cristo é limitado?

PADRE: Como disse minha filha?

"ELA": Não estou incluída na lista de perdão, porque estou viva e pretendo continuar? Vamos supor. Se ele cortar o meu pescoço, da próxima vez, serei perdoada?

PADRE: Reze minha filha. Reze. Estás confusa. Cristo já perdoou você, quando perdeu a anotação. Aquilo foi um acidente...Mas você deverá voltar lá, filha.

ELA: (no plano 1) Mas o quarto está vazio...vazio...para que voltar lá?

IRMÃ: (no plano 2) Está acordada, querida? A nova enfermeira chegou.

CUNHADO: (plano 2) Ninguém chamou a polícia. Até o médico não viu motivo. Apenas pediu que vigiássemos melhor a enfermeira nova. Só para garantir.

IRMÃ: Mas não se preocupe, querida. Se ela morrer também, chamaremos outra.

(desaparecem)

(Surge a mesma enfermeira, com o avental lavado em sangue, muito calma e profissional), enquanto os dois se vão.

ELA: Esta, não quero!

ENFERMEIRA: Não vamos ficar nervosas. Não faz bem a nossa saúde, não é mesmo?

ELA: Saia daqui sua bruxa! Você está morta!

ENFERMEIRA: Morta? Claro que sim. Mas não vamos perder a cabeça por uma coisinha dessas, não é? Só não precisamos contar para o Doutor, certo? Combinado? Se ele descobrir que morri, perco o emprego. Isso não seria justo, seria? Abra a boquinha agora... não vamos fazer cara de nojo e agir como criança mimada...ham?

ELA: Eu guardo o segredo. Será o nosso segredo, concordo. Mas chame o médico. O médico moço. Não o outro. O outro, com cara de bode, eu não quero! Telefone...telefone...(a enfermeira desaparece) Padreeeee!(ela puxa o reposteiro. Não é mais o padre. Mas o médico jovem.)

"ELA": O senhor veio! (se olham magnéticamente e ficam assim durante o...)

"PARENTA 2": Sempre sonho com a mesma coisa. Estou assaltando a geladeira. Morta de fome. Aí aparece o "Rambo". Aquele dos filmes americanos...e explode tudo com a metralhadora. Vai tudo pelos ares! Quando olho pra mim... estou só de calcinhas. Ele chega com todos aqueles músculos. De repente / não é mais ele. É meu marido me mandando ir pra cozinha. Outras vezes o "Rambo", é minha sogra que usa chapa. Acordo suada. Perco o sono. Levanto e vou até a geladeira. Só para ver se está tudo no lugar.

"ELA": Veio por minha causa?

MÉDICO: Para lhe dar alta.

"ELA": Estou normal agora?

MÉDICO: Não precisa mais de mim.

"ELA": Mas preciso. Não sabe o quanto. Pensa que é fácil dizer?

MÉDICO: Que está amando alguém?

"ELA": Como soube? Adivinhou?

MÉDICO: Entre duas pessoas, há coisas muito mais fortes e visíveis do que as palavras. (aproxima-se como num filme americano)

PRIMA: (que aparece, como sempre vulgar) Vai monopolizar o doutor, vai? / Francamente!

"ELA": É minha prima.

MÉDICO: Já nos conhecemos. (A atenção dele se volta totalmente para a prima) Quer uma carona? Estou de saída.

PRIMA: Ah, deixa! Não quero encomodar.

ELA: (plano 1) Por que esta desgraçada aparece sempre "na hora"! A mulher feliz, no amor não tem "prima". Juro que não tem.

PRIMA: (plano 2) Ela perde coisas, sabia Doutor?

MÉDICO: Não tenho seu telefone.

PRIMA: Eu encontrei. (ergue um papel dobrado, "balanço" como troféu)

ELA: (plano 1) Mentirosa. Está blefando. Não acredite. Não seja idiota de acreditar nela! Não perdi nada. Nem ela encontrou nada!

MÉDICO: (pegando no braço da prima) Vamos?

"ELA": Vai voltar...? Pra me ver?

MÉDICO: Por quê? O tratamento acabou! (saem os dois, muito íntimos)

"ELA": (no centro da cena) Cástigo. Castigo de Deus. Quando fiz a primeira comunhão cometi um pecado horrível. Não fiz de propósito. Juro. É que ficou entalado na garganta. Quase vomitei. Não tive outro jeito. Mastiguei a óstia. Mastiguei o "Corpo de Cristo". (sai correndo como adolescente culpada)

ELA: Mas ninguém viu. Ninguém vê nada. Nem minha irmã que é onipotente. . Ninguém sente o cheiro de podridão que aquela miserável anda exalando. / Nem vê o sangue. Nada. A maldita enfermeira anda impune por aí, completamente morta. É indecente o descarnamento dela!

ENFERMEIRA: Hora do nosso remedinho!

"ENFERMEIRA": Eu sinto perfeitamente quando estou começando a perder o controle. É como se escutasse uma sineta, dentro da cabeça. Começa com / uma ansiedade. Depois aumenta. Esbarro nos móveis. Quebro coisas. Respondo gritando. Ninguém entende. Evitam falar comigo. Começam a susurrar pelos cantos: "está mal". Eu, na verdade, consigo aceitar o fato de ficar nervosa e angustiada de vez em quando. O que me deixa louca é os outros perceberem isso!

CENA 9 - Segunda morte

(o assassino é visto por detrás do reposteiro, a espera)

ELA: Quero sair. Preciso ver gente. "Viva" de preferência. Preciso de ar!

ENFERMEIRA: Não vamos sair hoje. Precisamos ainda de cuidados.

ELA: Você precisa. Eu não. Me curei de você. Traga a minha bolsa. Ela está ali. (aponta o reposteiro)

ENFERMEIRA: O Doutor não vai gostar.

ELA: O que é que custa? Você já está morta mesmo. Vai.

(Ela obedece e se encaminha para trás do reposteiro. O assassino corta o pescoço da enfermeira de um só golpe. Tudo desaparece)

IRMÃ: (encabeçando uma comitiva nervosa de personagens) Aconteceu de novo.

CUNHADO: Sorte ter feito a cova bem funda da primeira vez. Onde cabe uma.. ..cabe duas.

PARENTA 1: A cova é grande, como convém.

IRMÃ: Ah, mas ninguém vai pisotear e arrancar os meus gerânios. "Despejem esta em outro lugar.

PARENTA 2: Que tal no terreno baldio? Naquele que os cachorros vão mijar!

CUNHADO: Incinerar é muito limpo e prático. E não ocupa espaço.

IRMÃ: E o que se faz com as cinzas?

PRIMA: A gente faz assim, ó!! (assopra com nojo) Assim! (assopra novamente)

PARENTA 1: Precisam avisar o Doutor.

PARENTA 2: É, não se pode descuidar. Será que ele manda outra?

IRMÃ: Se essas enfermeiras não morressem com tanta facilidade. Não sei. / Qualquer dia, o pessoal do Hospital vai aparecer prá investigar.

PARENTA 1: Se pode dar jeito! Não se atende a porta. Que arrebetem com a campainha! Deixa!

PARENTA 2: Ou dizemos que a paciente morreu também. E que foi culpa da enfermeira!

CUNHADO: Que se enganaram de endereço!

IRMÃ: (para Ela, subtamente) Que o quarto está vazio! (saem)

ELA: Lembrei de alguma coisa. Algo importante. Algo que precisava saber.. Mas me fugiu. Esqueci outra vez. Não é estranho? Talvez sejam as pílulas.

CENA 10 - A carta

(Ela retira do seio uma carta)

ELA: (olhando para ver se não é observada) Roubei isso dos bolsos daquela imbecil, agora a pouco. Deve ser "dele". (abre a carta)

MÉDICO: (plano 2) Minha querida. O que aconteceu naquela tarde, depois / que saí com sua prima, você bem pode imaginar.

ELA: Não vou continuar... Não devia nem ter começado.

MÉDICO: Existe um lugar, meio descampado, perto da Usina Hidroelétrica. Fomos! Nem descemos do carro. Poltronas reclináveis. FM ligado! Aconteceu / tão rápido.

ELA: Como é que ele pode ser tão cínico de ainda botar tudo isso no papel?! E ela? E ela? Os dois se merecem (continua lendo)

MÉDICO: Um homem pode ser fraco. Porém, não é cego. A sua prima não pas-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

sa de uma vadia!

ELA: Concordo. Vadia de pai e mãe. E daí?

MÉDICO: Não estou fugindo à responsabilidade do que fizemos. Apenas quero dizer que me arrependo. E que...

ELA: Não vou continuar a ler. Para que ficar me iludindo?

MÉDICO: Mesmo que nunca possa haver "algo real" entre nós. Que tudo que gostaria de ter com você, não seja possível...

ELA: Do que ele está falando?

MÉDICO: Ninguém culpa você pelo acidente. Sua prima é uma mulher falsa. O que ela disse... não considerei. Juro! Mas é pre-ci-so-que-se-co-men-te-que-a-você. Eu-a-mo. (Ela amarrota a carta)

ELA: Acidente. Um acidente.

"PARENTA 1": Não gosto de pó. Pó, entendem? Pó. Pó nas coisas, nos móveis, na roupa, em cima dos armários, debaixo das camas, nos cantos. Não suportto. Não, perto de mim. Prefiro que "ele" fique onde está. Não deixo mexer com o espanador. Não, perto de mim! Eu mesma faço isso. Com pano molhado e depois jogo tudo direto na lixeira. Descobri que o pó não está só grudado nas coisas. Ele anda. Voa. Está no ar, pode entrar pela boca das pessoas (fecha a boca, coloca um lenço para continuar falando) Não se pode evitar isso. A gente precisa acostumar. Eu tento viver bem com o "pó". Na medida do possível. Ele fica lá e eu aqui.

CENA 11 - Festa Surpresa

ELA: Preciso fugir. Antes que descubram. Eles vão me pegar. Eu sei. (Explosão festiva. Todos os personagens, com excessão da enfermeira, aparecem com ridículos chapeuzinhos de festa de aniversário, matracas, linguas de sogra, máscaras de papel e balões)

IRMÃ: Você ia fugir?

CUNHADO: Estão servindo um whisky nacional. Péssimo!

PRIMA: As empadinhas estão velhas.

IRMÃ: A maionese ficou fora da geladeira mais de dois dias.

AMIGUINHA PRIMEIRA: Os refrigerantes estão quentes! Fizeram "degelo" de manhã.

AMIGUINHA SEGUNDA: Vi gente mexendo nos presentes. Até abriram.

CUNHADO: (Aos berros, meio bêbado) Mulher linda. De deixar qualquer um b~~a~~ bando, tem aqui em casa mesmo, tão sabendo?

PARENTA 1: Não serviram um docinho. Gente sem classe.

PARENTA 2: Vi um homem mijando de porta aberta. Nem ligou quando me viu.

MÉDICO: Tudo é Brasil! (quase num discurso) E você só pode falar se já es~~t~~ teve nos Estados Unidos. Lá TUDO é cobrado. Em dólar! Até "bom dia".

PARENTA 1: Na Itália, me disseram, as mulheres não raspam o sovaco!

PRIMA: Ganhei uma bolsa de estudos para a Espanha. Lindo! Adorei tudo! Aquele bando de gente correndo, pelas ruas, atrás de um touro meio manco. Selvagem, mas excitante!

PARENTA 1: Eu não concordo quando dizem que a Carmem Miranda se vendeu /

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

pros Americanos. Ninguém queria ela, por aqui. Fez bem!

PARENTA 2: Acho que depois do Kennedy. Ninguém. Presidente como ele. Quê-ro Ver.

MÉDICO: O vírus quando penetra no organismo...

PARENTA 1: E a Indira? A Golda?

PRIMA: Aí vem o bolo. Ela matou a enfermeira! (aponta para Ela)

CUNHADO: Chico Xavier é que estava certo!

PARENTAS: Fomos assistir "Casablanca" na primeira sessão. Não gostamos. / Mas todo mundo estava lá.

AMIGUINHAS: O Bolo está vindo!

MÉDICO: A dívida externa e a dívida interna, no fundo, são a mesma coisa. Tudo é a mesma coisa. Monótono.

PRIMA: Ela morre de inveja de mim! Já matou duas enfermeiras.

CUNHADO: Nostradamus previu toda essa droga!

CORO: O Bolo? Cadê o Bolo?

ENFERMEIRA: Surpresa! (a enfermeira vem trazendo o bolo. Ao pescoço um in disfarçável lenço ensanguentado. Todos se voltam para ELA)

CORO: (cantando o parabéns do avesso)

"Muitos anos de vida, nesta felicidade. Parabéns nesta vida.

E muitas mais pra você"

IRMÃ: Corte o bolo! (lhe dão uma faca assustadoramente grande) Vai fazer luxo?

PRIMA: A enfermeira! Primeiro a enfermeira! Corta a enfermeira!

CORO: O bolo, a enfermeira, corte tudo o que quiser...

ELA: (explode num grito) Parem! (todos desaparecem)

CENA 12 - A última gota

(Balé de "Ela" como num filme Hollywoodiano)

ELA: (como que apreciando a si mesma) Os filmes americanos é que estão / certos. Aqueles em que ela é uma pobre órfã que de repente desperta para o mundo. Decidida vencer a qualquer custo. E, como saído não sei de onde, aparece um jovem, belo e arquimilionário. Ele está louco por ela, mas a distância social?_Porém tudo se ajeita. Numa chuva de balões e lágrimas. Ela vence. A prima invejosa e sem escrúpulos é punida com a solidão. Vira garota de programa, "Go-Go Girl", "Striper", qualquer troço bem sórdido. O casamento só acontece na imanação da gente. Ou melhor, só a festa. Nada daquela rotina sem graça que a minha irmã tem de suportar. Por que se casou com aquele sujeito cretino. Nada de ruim, feio, sujo ou anormal. Tudo muito sadio e perfeito. Reluzente. Todos estão felizes, com excessão da prima. Ninguém precisa de enfeirmeiras, pílulas, médicos que se cospem quando falam, hospitais ou quartos vazios...

ENFERMEIRA: (desligando a TV imaginária) Estamos cansando demais os nossos olhinhos. Já chega de TV por hoje. Vamos abrir a boquinha sem fazer cara feia. (o assassino reaparece)

ELA: Ele veio me buscar. Eu sei.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ENFERMEIRA: Vamos abrir a nossa boquinha?

ELA: (para ele) Não pode ser ela? Como das outras vezes? Por favor!

ENFERMEIRA: Teimosia não adianta de nada. Precisamos obedecer as ordens / do Doutor.(muda, parece agir com frieza, como outra pessoa)O quarto está vazio.

ELA: Mas eu tenho certeza. É aqui.

ENFERMEIRA: O quarto está vazio. Já levaram o corpo para o necrotério. (O assassino está diante dela. Ela se ergue e avança lentamente para ele, toca em seu rosto coberto pela máscara)

ELA: Você veio me buscar? Não veio?(retira a máscara com suavidade: é o médico)

MÉDICO: O tratamento acabou.

ENFERMEIRA: Já levaram o corpo para o necrotério!(Ela grita) O paciente / morreu.

(desaparecem os dois)

CENA 13 - Volta

AMIGUINHAS: (cantando e flutuando no espaço)"Minha mãe me penteava, minha prima me enterrou, sob os figos da figueira de marré,marré,marré..."

PARENTAS: (num dueto de lamento) "Morreu,morreu...antes ele do que eu. Morreu,morreu, antes ele do que ... Salve Maria...Salve,Salve...Ave Maria..."

MÉDICO: (como o assassino com o rosto descoberto) Não pode evitar. Você / está voltando...

PRIMA: Voltando, não pode evitar. Paciência.

PARENTAS E AMIGUINHAS:Voltando,voltando.

MÉDICO: Alguém morreu no seu lugar.

PRIMA: Você não teve culpa, querida. Pior pra ele. Que se lixe!

AMIGUINHAS:(cantando) Minha mãe, me penteava, minha prima me enterrou...

MÉDICO:(como assassino) Enterro simples. Tudo já está pago. Uma beleza!

PRIMA: Só sobrou a moto. Ficou pro irmãozinho.

PARENTAS: Ave,Ave,Ave Maria...Morreu,Morreu..antes ele do que...

MÉDICO: Você está voltando. Pulso normal. Vinte minutos.

PARENTAS: Voltando.

AMIGUINHAS: Voltando,voltando.

PRIMA: Esteve fora por vinte minutos, "darling". Agora... é com você!

CENA 14 - "A Realidade"

(A sala de espera de um consultório médico. Ela está sentada normalmente, porém, parece ter acabado de sair de um transe. Aparece a atriz que representou até então a "enfermeira")

SENHORA X: (para dentro)Obrigada Doutor. Obrigadíssima. Passar bem! (ao passar por Ela, bate-lhe no ombro) Viu? Não era nada. Só continuar a tomar os remedinhos direito. O Doutor me achou ótima.(saindo)Prazer,viu! Adeuzinho!

(Entra agora o médico que fora o "cunhado" ate então)

MÉDICO II: Seus exames estão em ordem. (entregando os mesmos num envelope) Não precisa se preocupar. As radiografias não acusam nada. Seu encéfalo es tá ótimo.

ELA: (que se ergue, um tanto confusa) Posso ir então, Doutor?

MÉDICO II: Claro que pode. Com a promessa de não abusar das pílulas nova- mente.

ELA: Sim, sim...vou agora..

(entra a enfermeira verdadeira, que fora até o momento a irmã)

ENFERMEIRA II: (entregando-lhe a bolsa e o casaco) A senhora esqueceu na sala de exames.

ELA; (confusa, fugidia) Obrigada. Obrigada Doutor. Que distração a minha. (sai) (os dois personagens ficam olhando para ela, que antes de sair, ain da se volta para fitá-los)

ENFERMEIRA: Ela parecia tão nervosa. Falei com ela várias vezes e nada . Não me respondeu. Mas ela está bem, não está?

MÉDICO: (com total frieza) Preciso de cigarros! Ela... está muito bem. / Talvez um pouco abalada ainda pelo acidente. Mulher na direção. (a enfer meira faz uma careta) Estava, acredito, meio tonta por causa das pílulas / que andava tomando. Receitei outras, menos fortes. O rapaz é que não teve muita sorte. Saiu bastante ferido, Arrebentou a moto. Mas agora está mui- to bem. A família dela pagou todo o tratamento. (distraído) tem fósforo?

ENFERMEIRA: Não fumo, Doutor. Esqueceu?

MÉDICO: Que pena. Pode mandar comprar pra mim. Esqueci o masso no carro. (Num rompante, entra a atriz, .que fora até então a projeção jovem da per- sonagem principal. É uma moça extrovertida e direta)

MOÇA: E ela não me esperou. Sabia. Sempre faz isso. O marido, está uma fe ra! Ela sair sem dizer nada. Mas eu adivinhei. Tentei ir atrás. Faz muito que saiu?

ENFERMEIRA: Quem?

IRMÃ: Sabia que ela tinha ido visitar o rapaz no hospital. Ele até já sa- iu de lá, recebeu alta, pelo que eu sei. Imagina. Uma mocinha meio vesga me disse que ela tinha ficado muito assustada quando encontrou o quarto vazio. Ficou preocupada quando perguntei. Depois até achamos graça, juntas. Imagine! Ela deve ter errado o número do quarto. Disse que perdera o pa- pel com a anotação, ou coisa assim. E a vesguinha, vejam só, tinha dito para ela que o quarto estava vazio porque o paciente tinha morrido. E ti- nha mesmo. Mas era o quarto errado. Foi uma coisa! (consulta o relógio) E eu aqui de conversa. Se o marido dela ligar, digam que estive aqui. Pré / não se preocupar, tá?

MÉDICO: (distante) Ainda nem almoçei.

ENFERMEIRA: A senhorita é parente dela? Ah, sei agora me lembrei quando / veio com ela naquele dia.

MOÇA: Pois é. Nem somos muito parecidas. Talvez a diferença de idade. Nin guém acha. Sou a irmã dela.

(BLACKOUT)

CENA FINAL

(Ela só no palco)

ELA: Não vou voltar lá. O quarto estava vazio mesmo. Pra que insistir. / Acho que perdi a anotação quando mexi na bolsa, procurando o lenço. Não vou voltar lá mesmo. É melhor. Não há nada que se possa fazer. Há? Não. Prefiro não voltar...Ninguém vai me culpar por isso também...Não. Que bobagem...Está uma linda tarde de outono.(acende um cigarro e fuma calmamente.)

PANO

FIM
